



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS

ROSILENE LIMA

LITERATURA BRASILEIRA: análise literária da identidade Feminina na obra Cais da
Sagração de Josué Montello

Itapecuru – Mirim
2017

ROSILENE LIMA

LITERATURA BRASILEIRA: análise literária da identidade Feminina na obra Cais da
Sagração de Josué Montello

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, para obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador (a): Prof.^a Esp. Katiana Oliveira dos Santos.

Itapecuru – Mirim
2017

Lima, Rosilene.

Literatura brasileira: análise literária da identidade Feminina na obra Cais da Sagração de Josué Montello / Rosilene Lima. – Itapecuru-Mirim, 2017.

55f.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

Orientador: Profa. Esp. Katiana Oliveira Santos.

1. Patriarcalismo. 2. Mulher. 3. Violência. I. Título.

CDU 82-055.2(81)

LITERATURA BRASILEIRA: análise literária da identidade Feminina na obra Cais da
Sagração de Josué Montello

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, para obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literatura.

Aprovado em: _____ / _____ / _____

Nota:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Katiana Oliveira dos Santos. (Orientadora).

1º Examinador

2º Examinador

A minha família, em especial ao meu querido filho Lucas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de todos os dons, que me permitiu e me guiou chegar até aqui com a sua divina graça.

Aos meus avós e minha mãe, ambos já falecidos pela educação de base, com valores e exemplos de vida.

Aos meus queridos filhos Lucas, Luciano e Luan, responsáveis pela minha dedicação e persistência nas lutas da vida.

Ao meu esposo pela motivação, carinho, confiança e respeito, que sempre me motiva nas lutas acreditando na vitória.

À orientadora deste trabalho, Katiana Oliveira dos Santos, que contribuiu muito com seus conhecimentos técnicos, pela paciência e contribuição para que esse trabalho fosse concluído com qualidade.

A todos os meus colegas de sala, pois ambos contribuíram para minha aprendizagem. Em especial a minha equipe querida Regina Magalhães, Doreni Carvalho e Talita Marinho.

A todos os professores do CESITA (Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim), pela contribuição significativa na minha aprendizagem e atenção por todos os conhecimentos adquiridos, em especial, aos professores Fátima Figueiredo, Maurílio Cardoso, Samira Fonseca, Helena Gomes, Jessiana Fonseca e Rayron Lennon.

“A mulher é uma flor que se estuda, como a flor do campo, pelas suas cores, pelas suas folhas e, sobretudo pelo seu perfume.”

José de Alencar

RESUMO

O presente trabalho aborda uma reflexão sobre a literatura brasileira: análise literária da identidade Feminina na obra *Cais da Sagração* de Josué Montello. Analisa-se o contexto histórico em que surgiu o patriarcalismo no Brasil, e a sua influência marcante na sociedade até os dias atuais. No Brasil, apesar de se viver em pleno século XXI, ainda ocorrem casos de família patriarcal, onde a mulher vive submissa ao homem. Nesse contexto, percebe-se que embora existam poucos estudos acerca do assunto, abordado nesse trabalho. Destaca-se a trajetória de lutas da mulher em busca do seu espaço na sociedade, em meio ao domínio predominante do homem. Caracteriza-se na obra *Cais da Sagração* o comportamento patriarcal em que os personagens se submetem. Discute-se a respeito da situação da mulher em vários contextos, relatando as causas de sua submissão ao homem e as consequências de não se submeter ao patriarca. Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica evidenciando as ideias de alguns autores que tratam do patriarcalismo. Espera-se que através desta pesquisa o leitor chegue a compreender que o domínio do homem patriarcal tem sido predominante na sociedade ao longo dos anos, por isso, também alvo de lutas por movimentos feministas e outros defensores do direito a igualdade de gênero.

Palavras-chave: Patriarcalismo. Mulher. Violência.

ABSTRACT

The present work approaches a reflexion on the Brazilian literature: literary analysis of Feminine identity in the work *Cais da Sagração* of Josué Montello. We analyze the historical context in which patriarchy emerged in Brazil, and its important influence in society up to the present day. In Brazil, despite living in the XXI century, there are still cases of patriarchal family, where the woman lives submissive to the man. In this context, it is noticed that although there are few studies about the subject, approached in this work. It highlights the trajectory of women's struggles in search of their space in society, in the midst of the predominant dominion of man. It is characterized in the work *Cais da Sagração* the patriarchal behavior in which the characters submit. It discusses the situation of women in various contexts, reporting the causes of their submission to man and the consequences of not submitting to the patriarch. The methodology used was the bibliographical research evidencing the ideas of some authors who deal with patriarchalism. It is hoped that through this research the reader will come to understand that the dominance of patriarchal man has been prevalent in society over the years, hence also being fought by feminist movements and other advocates of the right to gender equality.

Keywords: Patriarchalism. Woman. Violence.

LISTA DE SIGLAS

FBPS	- Federação Brasileira pelo Progresso Feminista
FMB	- Federação de Mulheres do Brasil
PCB	- Partido Comunista Brasileiro
PDT	- Partido Democrático Trabalhista
PT	- Partido dos Trabalhadores
ABL	- Academia Brasileira de Letras
OEA	- Organização dos Estados Americanos
CCDM	- Conselho Cearense dos Direitos da Mulher

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	BREVE HISTÓRICO DO PATRIARCALISMO NO BRASIL	14
3	A TRAJETÓRICA HISTÓRICA DA MULHER NO BRASIL	17
4	A IDENTIDADE FEMININA NA OBRA CAIS DA SAGRAÇÃO	22
4.1	Josué Montello: Vida e Obra	22
4.2	Enredo	26
5	CARACTERIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DOS PERSONAGENS SOBRE A ÓTICA DO PATRIARCALISMO	31
5.1	Mestre Severino: O protótipo do homem patriarcal	31
5.2	Lourença: A esposa preterida	35
5.3	Vanju: Amante e propriedade	40
5.4	Pedro: Vocação e sexualidade	46
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	53

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que nos dias atuais a mulher busca conquistar seu espaço e obter seus direitos e, assim se libertar do poderio, também da submissão por parte de seus parceiros e, não somente destes, mas de toda a sociedade em geral. Observa-se que, ultimamente, a mídia diariamente noticia vários infortúnios envolvendo mulheres de todas as idades e classes sociais.

Para tanto, essas mulheres vítimas do patriarcalismo vivem um verdadeiro, autoritarismo por parte de seus parceiros que usufruindo de uma força física maior que a delas, acaba levando-as, muitas vezes, a óbito, vale ressaltar que outros fatores são desencadeados devido a essa situação do homem patriarcal tais como: psicológicos, materiais, morais entre outros. Sabe-se também que muitas dessas mulheres que são agredidas acabam não denunciando seus parceiros, o que prejudica na resolução desses problemas.

No Brasil, apesar de se viver em pleno século XXI, ainda ocorrem casos de família patriarcal, onde a mulher vive submissa ao homem da casa. Nesse contexto, percebe-se que embora existam poucos estudos acerca do assunto, nota-se um crescente interesse pelo levantamento de dados que possam subsidiar as políticas públicas, voltadas para o enfrentamento da questão, sobretudo há diferença entre homens e mulheres, observa-se que o patriarcalismo manifesta-se no meio da sociedade brasileira.

O objetivo deste estudo é demonstrar através de uma análise da relação contextual sobre o patriarcalismo apresentado na obra *Cais da Sagração* e a realidade social das mulheres vitimadas na contemporaneidade. Os objetivos específicos são: relacionar a obra *Cais da Sagração* com o patriarcalismo ainda existente no Brasil; identificar os fatores que provocam esses abusos através de análise contextual; averiguar os impactos sociais nas mulheres vítimas do patriarcalismo associando-as a obra *Cais da Sagração*.

Portanto, dessa forma, pensa-se que o estudo em questão apresenta grande relevância para o meio acadêmico, que contribuirá para o conhecimento histórico do patriarcalismo no Brasil e a opressão do gênero feminino pelo masculino, sobretudo na construção familiar. Assim, supõe-se que facilitará no entendimento do patriarcalismo, quanto a sua presença e a sua influência até os dias atuais nas relações em sociedade. Outro resultado que se espera é a garantia da compreensão desse modelo de domínio familiar tem sido alvo de lutas ao longo dos anos por movimentos feministas e outros defensores do direito a igualdade de gênero.

A pesquisa utilizou-se dos seguintes métodos; enquanto a forma de abordagem foi utilizada à pesquisa qualitativa, que atua como instrumento de levantamento de informações que ofereça uma descrição pertinente da pesquisa; e enquanto aos procedimentos da pesquisa os tipos utilizados foram à pesquisa, bibliográfica, os quais serão jornais, livros, artigos científicos onde facilitará a fundamentação da temática abordada.

Portanto, o presente trabalho está organizado em capítulos que trata-se os seguintes tópicos: no primeiro capítulo a introdução, no segundo capítulo trata-se sobre um breve histórico do patriarcalismo no Brasil, o terceiro capítulo sobre a trajetória histórica da mulher no Brasil; no quarto capítulo o tema aborda-se a identidade feminina na obra *Cais da Sagração*. Com os seguintes subitens: Josué Montello: Vida e Obra, e o enredo; no quinto capítulo argumenta-se a caracterização e definição dos personagens sobre a ótica do patriarcalismo dentro deste assunto aprofundará em subitens que são: Mestre Severino: O protótipo do homem patriarcal, Lourença: A esposa preterida, Vanju: Amante e propriedade, Pedro: Vocação e sexualidade; sexto capítulo abordará sobre as considerações finais, os resultados foram obtidos através de uma investigação em fontes bibliográficas e a apresentação e discussão do tema com o propósito da compreensão.

2 BREVE HISTÓRICO DO PATRIARCALISMO NO BRASIL

A cultura histórica atribuiu à mulher a função de reprodutora da espécie, assim permitindo que ela aceitasse a subordinação ao homem, dando a ele o título de sexo forte e de ser o líder da família, condicionando as mulheres a toda fragilidade. Quando o homem se estabelece na ideia de patriarcado, ele, ao mesmo tempo, está se firmando como o chefe da família, aquele que dentro da sociedade assume privilégios e posição de uma autoridade. Através da nova constituição, de 1988, foi possível mudar a visão de força do patriarcalismo no ambiente familiar, aquele papel que mulher mãe e esposa só tinha que exercer atividades domésticas, foi mudando com a conquista de igualdade de direitos. (FIGUEIREDO, 2005).

O Patriarcalismo teve sua origem na palavra grega *pater*. Vale ressaltar que foi pelos hebreus a primeira vez que esse termo foi usado com sentido de dominação do homem na organização social com o objetivo de qualificar o líder de uma sociedade judaica, mas os gregos helenísticos também faziam o uso desse termo, para que a satisfação do homem fosse atendida. E, assim, o patriarcalismo predominou por vários séculos, até que veio a Revolução Francesa, na qual contrariou essa forma de organização da sociedade, em defesa da liberdade e igualdade.

No período colonial do Brasil, no século XVI marcou-se o começo da formação do modelo de família patriarcal, que foi deixado como uma herança cultural pelos colonizadores portugueses. Logo, quando as regiões do Brasil foram divididas em capitâncias hereditárias desenvolveram muito o domínio de famílias que controlavam os meios de produção, e tendo grande influência econômica. (FERNANDES, 2015).

Pode-se entender que, o poder paterno colonial era de tal forma, fortalecido e sustentado pela ética religiosa, assim dava legitimidade a esse tipo de organização dominante, no qual o pai era uma figura central, que detinha um total controle, e não sedia espaço algum ao surgimento de outras identidades, que tivesse iniciativas pessoais sobre os demais membros da família. A obra *Casa Grande & Sensala*, Gilberto Freyre destaca que patriarcalismo é: “um tipo de sociedade ou organização social antiga, existente, por algum tempo, entre os romanos, os hebreus e outros povos, em que o chefe de família (patriarca) tinha poderes quase absolutos sobre a esposa e sobre os filhos, sendo mesmo o sacerdote do lar.” (FREYRE, 2005, p. 8).

O sistema patriarcal impunha também a existência do latifúndio, no qual faziam parte desse sistema em forma de regime os servos e escravos, integrante da família e os filhos do sexo masculino, ainda que casados, viviam sob o domínio do patriarca. Assim, caracterizava-se a família do período colonial brasileiro, demonstrando traços do patriarcalismo, a sua dominação, tanto no meio econômico quanto político social. (FREYRE, 2003).

Desse modo, a organização colonial apresenta alguns traços, como sendo do tipo de organização fechada e própria, de uma sociedade de forma descontínua, com configurações exclusivas, que impedem o surgimento de unidades maiores, e quando, mesmo que viessem ultrapassar o mundo doméstico apresentava uma postura de anarquia.

Segundo Del Priore, uma historiadora, que retrata em sua obra “Mulheres no Brasil Colonial”, a mesma relata características pertencentes ao regime patriarcal. Onde a mesma discute a situação da mulher em vários contextos. Conforme atesta a autora na citação abaixo:

O sistema patriarcal instalado no Brasil colonial sistema que encontrou grande reforço na Igreja Católica que via as mulheres como indivíduos submissos e inferiores, acabou por deixar-lhes, aparentemente, pouco espaço de ação explícita. Mas insisto: isso era apenas mera aparência, pois, tanto na sua vida familiar, quanto no mundo do trabalho, as mulheres souberam estabelecer formas de sociabilidade e de solidariedade que funcionavam, em diversas situações, como uma rede de conexões capazes de reforçar seu poder individual ou de grupo, pessoal ou comunitário. (DEL PRIORE, 2000, p. 9).

A mulher não tinha espaço na vida social, religiosa ou função política, era de tal forma excluída sendo apenas subordinadas ao marido, e o que se percebia era uma aceitação fácil em geral por elas, porque eram disciplinadas desde cedo a obedecerem, tais princípios, de uma moral comportamental para que viesse no futuro serem consideradas boas esposas.

Nota-se que o sistema patriarcal foi marcante e até hoje percebermos os seus efeitos, não só no comportamento da sociedade, mas também nas construções na paisagem urbana e rural. Podemos entender a partir da citação de Freyre abaixo:

Por onde se vê que o familismo ou o personalismo decorrente do sistema patriarcal inundar, no Brasil, espaços imensos, de nomes de famílias e de pessoas; de marcas de influência dessas famílias ou dessas pessoas tutelares e de suas fazendas, de seus engenhos, de seus currais, de seus armazéns, de suas casas-grandes, de seus sobrados. (FREYRE, 2004, p. 60).

Portanto, esse sistema foi a mais constante, a mais generalizada predominância de poder ou de influência econômica, política, moral e social na formação brasileira. As informações armazenadas e sistematizadas, isto é, algo que contribuem e leva a compreensão

de que o patriarca exercia seu poder com uma determinada qualidade de influência, mesmo que sua intensidade fosse diferente, a sua capacidade em transformar e modificar o meio familiar e a sociedade eram absolutos.

Salienta-se que o homem patriarcal é uma pessoa que se utiliza da mulher como objeto para usufruir a mesma, para assim sentir-se do sexo mais forte e dominante. Conforme nos atesta Freyre na citação abaixo:

O padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, dá também ao homem todas as oportunidades de iniciativas, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as amas, as velhas, os escravos. E uma vez por outra, em um tipo de sociedade católica como a brasileira, ao contato com o confessor. (FREYRE, 2004, p. 208).

Observa-se que na família patriarcal o homem exercia toda influência sobre as crianças e mulheres de tal maneira que os seus sentimentos não importava, mas, o medo prevalecia para que fossem atendidos os desejos e as vontades do patriarca.

Existe uma situação de dominância masculina, porque estes não reconheciam certas autoridades, como aquela exercida pela religião católica, onde as quais não apresentavam reverência aos padres, no contrário as suas esposas e filhos mantinham essa reverência. (FREYRE, 2004).

Os casos de famílias do tipo patriarcal é um tipo de dominância rígida da sociedade que traz consigo toda uma gama de conceitos atuais, onde muitas mulheres e seus filhos são vítimas desse homem patriarcal. Muitas famílias vivem com regras impostas por sua descendência e, assim não buscam tirar dúvidas acerca do assunto que envolve todos os cidadãos.

No Brasil, apesar de se viver em pleno século XXI, ainda ocorrem casos de família patriarcal, onde a mulher vive submissa ao homem da casa. Nesse contexto, percebe-se que embora existam poucos estudos acerca do assunto, nota-se um crescente interesse pelo levantamento de dados que possam subsidiar as políticas públicas, voltadas para o enfrentamento da questão.

Contudo, torna-se possível afirmar que o patriarcalismo continua até os dias atuais de forma invisível na sociedade, mesmo que as constituições de vários países venham estabelecendo igualdades de direitos entre homens e mulheres, ainda ocorrem manifestações do patriarcalismo, através do comportamento das pessoas no âmbito familiar, político e também nas áreas sociais.

3 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA MULHER NO BRASIL

A história traz diversos contextos, que ao longo dos anos, impactaram no estilo de vida humana, citam-se aqueles que mais significaram, por exemplo: a Revolução Industrial, (que começou na Inglaterra durante o século XVII), as Guerras Mundiais, (a primeira guerra mundial começou em 28 de julho de 1914 e durou até 11 de novembro de 1918, ocorrendo nos países da Europa. Já a segunda guerra mundial começou em 1 de setembro de 1939 e durou até 1945) e a Revolução Tecnológica (que iniciou-se em meados do século XX, impulsionou inovações na área da informática). Esses acontecimentos trouxeram muitas transformações para os aspectos relacionados na interação social e no trabalho, mas precisamente voltados para a mulher. Pelas evidências históricas é possível perceber uma ligação íntima da cultura humana com a idealização de discriminação entre os grupos sociais. Podendo notar nas desigualdades sociais que são estabelecidas entre homens e mulheres, negros e brancos, fazendo certo distanciamento de distinção do gênero e da raça.

Nessas circunstâncias, na qual os homens europeus que chegaram para colonizar a América, principalmente o Brasil, facilitou um rápido povoamento mestiço e por volta dos séculos XVI e XVII a sociedade colonial que passou por um profundo mestiçamento, houve interferências dos padres da companhia para regularizar o casamento cristão. “Á mulher gentia temos que considerá-la, não só a base física da família brasileira, aquela em que se apoiou, robustecendo-se e multiplicando-se, a energia de reduzido número de povoadores europeus, mas valioso elemento da cultura, na formação Brasileira”. (FREYRE 2003, p.81)

Um fato que impulsionou grande avanço no mercado de trabalho foi a Revolução Industrial, que ocorreu na Inglaterra por volta do século XVIII, período que impulsionou uma larga escala de produção, com esse aumento da capacidade de produção, e, assim a mão de obra fica carente, portanto foi nessa época que aproveitaram as mulheres e crianças nos meios de produção. (ISHIKAWA, 2011).

Com todos esses acontecimentos, vale ressaltar que a mulher vem conquistando seu espaço, desde muitos anos atrás, saindo daquela restrição dos afazeres domésticos e de cuidar da família. Observa-se que através de muitas lutas, vem buscando alcançar o desejo de participação na vida política e também no mercado de trabalho. Contudo, a partir do século XIX começaram a organizasse em grupos e manifestarem o seu ponto de vista em defesa de suas ideias. E, assim, conquistaram o direito de votar no Brasil, sendo reconhecido esse direito pela Constituição de 1934.

Nas décadas de 80 e 90 em que a mulher teve uma grande inserção no mercado de trabalho. Observa-se, que havia uma diferenciação de remuneração, mesmo a mulher exercendo as mesmas atividades, o homem recebia valor bem maior em relação a ela. Constatou-se que aquelas que têm grau escolar menor, foram as que tiveram menos oportunidades, também percebe-se, que muitas vezes mulheres que tem grau de instrução bem superior do que a dos homens, ainda sim recebem salários inferiores.

No Brasil ocorreu em 1988 um fato importante que fez com que houvesse uma valorização nos direitos humanos da mulher, foi a Constituição Federal, no qual por meio de um documento jurídico, dava a mulher o direito de igualdade entre os homens perante a lei. (CUNHA, 2014).

Sabe-se que a mulher vem buscando, através de lutas conquistarem seu espaço, que é almejado e desejado por muitas mulheres, mas faz-se necessário enfatizar que nessa luta por igualdade muitas mulheres se destacaram em todos os aspectos, seja na vida literária e outros que merecem tal reconhecimento. Entre as quais estão:

Bertha Lutz fundadora e líder do grupo feminista a FBPF (Federação Brasileira pelo Progresso Feminista) uma entidade civil formada por mulheres, na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1922. As suas primeiras lutas foram à busca do direito ao voto, divulgavam a causa por meio da imprensa e autoridades, pressionavam os parlamentares. (SCHUMAHER, 2000).

Bertha foi uma mulher que exercia uma boa articulação na política, preocupava-se com o desenvolvimento de propostas de reformas que fossem benéficas as mulheres, e quando assumiu o cargo de deputada federal, após o falecimento do parlamentar Cândido Pessoa, abriu um espaço para uma maior atuação do grupo feminista para a apresentação do Estatuto da mulher.

Alice Tibiriçá uma mulher que presidiu a FMB (Federação de Mulheres do Brasil) uma entidade sobre forte influência do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que defendia os direitos das mulheres, a proteção das crianças e a paz mundial. (SCHUMAHER, 2000).

Alice se preocupava com as dificuldades enfrentadas pelo povo, como o aumento do preço dos alimentos em consequência da alta inflação, e as questões de doenças como a lepra (hanseníase), onde a mesma buscou mais ações que melhorassem a assistência aos doentes.

Dilma Vana Rousseff foi a primeira presidente mulher eleita no Brasil, sendo natural de Belo Horizonte, teve forte participação na política no período da ditadura militar, quando foi presa em 1970 e sendo torturada, logo que deixou a prisão, mudou-se para Porto

Alegre, formou-se em economia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1980 ela participou da fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT), em 2001 saiu deste partido, mudando para o Partido dos Trabalhadores (PT), partido no qual veio a concorrer às eleições presidenciais em 2014. (BRASIL, 2015).

Rachel de Queiróz uma escritora, na qual foi a primeira mulher que veio ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL). Sendo natural de Fortaleza (CE), nasceu em 1910, teve uma trajetória literária por volta dos anos de 1920, através de envio de cartas para o jornal O Ceará, com o pseudônimo, Rita de Queluz, e que logo mais descobriram sua identidade. Por tanto, com apenas 16 anos de idade ela foi contratada como colunista de jornal, todavia, conseguiu publicar seu primeiro Romance, O Quinze, no qual mostrava o drama dos nordestinos com a seca e a pobreza.

Rachel de Queiróz desempenhou um papel valioso na educação feminina no Brasil, sendo reconhecida como a pioneira da literatura na educação, enfatizando a importância da literatura para a formação do homem. Rachel de Queiróz é considerada uma mulher á frente do seu tempo, uma das escritoras brasileiras que mais se destacou no século XX, e ainda foi à primeira mulher a fazer parte da Academia Brasileira de Letras (ABL). (OLIVEIRA, 2012).

Cecília Meireles considerada a maior poetisa do Brasil, nasceu em 7 de novembro de 1901, na cidade do Rio de Janeiro, ficando órfã de pai e mãe aos 3 anos de idade, foi criada pela avó materna. Assim, que se formou na Escola Normal do Rio dedicou-se muitos anos na profissão de magistério e publicou muitas obras de características intimistas, introspectivas, que levava a uma viagem permanente ao interior, suas poesias tinham aspectos de consciência da transitoriedade das coisas.

Cecília Meireles foi julgada pelo crítico Paulo Rónai destacando o seu lirismo como o mais elevado da moderna poesia da nossa língua portuguesa, caracterizando o seu desprendimento, a sua simplicidade, fluidez como inigualável, e que nenhum outro autor compara a sua espontaneidade apresentada nas suas poesias e, assim, suas obras representando como as mais puras e belas manifestações da literatura contemporânea. (JÚNIOR, 2017).

Anita Malfati artista plástica que nasceu em São Paulo, em 1889, filha de imigrantes alemães, no ano de 1907, formou-se pela escola Mackenzie College, na qual lecionou artes plásticas para crianças, para dar apoio ao sustento da sua família. Anita viajou para Alemanha, por volta do ano de 1910, onde foi matriculada na Academia Real de Berlim e passou a ter orientações de Bischoff Cuim e Fritz Brugger nas aulas de desenho. A mesma

visitou exposições como a da cidade de Colônia e também o ateliê do artista Lovis Corinth, quando retornou ao Brasil realizou a memorável. Exposição de Pintura Moderna de Anita Malfati. (SCHUMAHER, 2000).

Através dessa exposição que Anita recebeu uma crítica do escritor Monteiro Lobato, crítica considerada muito violenta, porém fez com que outros artistas intelectuais manifestassem em favor da mesma, entre os quais foram: Oswald de Andrade, Menotti del Piechia e Mario de Andrade. Vale ressaltar que Oswald de Andrade via a originalidade nos quadros de Anita e que despertava uma visão diferente nas suas exposições de pintura que caracterizava sua arte como uma negação da cópia e a ojeriza da oleografia.

Maria da Penha, mulher que se destacou em defesa da luta contra a violência contra a mulher, seja a agressão física, psicológica, moral, patrimonial ou qualquer outro tipo de violência.

No Brasil muitos casos de violência contra a mulher são registrados por meio das páginas policiais, em grande parte são crimes passionais praticados pelos parceiros ou ex-companheiros que não admitiram o fim do relacionamento. Plácido e Silva (1998, p. 592) afirma que “crime passional é o que se faz, por uma exaltação ou irreflexão, conseqüente de um desmedido amor à mulher ou de contrariedade a desejos insopitados”. Esse tipo de delito por muitos e muitos anos foi praticado no Brasil sem uma devida pena ao praticante. De acordo com Caulfield (2000, p. 85):

Durante as três primeiras décadas do século XX [...] incontáveis casos de violência doméstica viraram notícia de primeira página nos jornais populares do Rio de Janeiro [...] uma evidência da sobrevivência de tradições patriarcais segundo as quais a honra masculina era determinada pela fidelidade sexual da mulher e de que a justiça criminal ainda permitia ao homem defender sua honra com violência.

No Brasil e no mundo, o patriarcalismo que é um tipo de violência, faz as mulheres de vítimas e se constitui em um sério problema de saúde pública, por ser uma das principais causas de morbidade e mortalidade feminina. Assim, todo e qualquer ato de violência praticado contra a mulher caracteriza-se como violação de seus direitos, sendo importante que a sociedade participe da prevenção e ajude no efetivo enfrentamento da causa.

Faz-se necessário enfatizar que no Brasil é possível ver várias ações tomadas por organizações governamentais e não governamentais em sentido de conscientizar e disciplinar as atitudes e comportamentos do homem para com a mulher. De acordo com citação a seguir:

No contexto internacional, o Brasil é signatário de dois documentos importantes: o documento final da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (adotada em Belém do Pará, em 1994) e a Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher (adotada em Pequim, em 1995). No contexto nacional, desde 2011, vigoraram o Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra a Mulher. (BRASIL, 2016, p. 231).

O caso Maria da Penha ganhou destaque internacional, após a elaboração desses documentos, e então o Governo Brasileiro, tomou como medida para tratar da punição nos casos de violência contra a mulher sancionou a lei que recebeu a denominação de Lei Maria da Penha, para tratar de qualquer tipo de violência, seja a agressão física ou psicológica. A apresentação do caso de Maria da Penha na OEA (Organização dos Estados Americanos) foi de certa forma uma denúncia contra a tolerância do Estado brasileiro com relação à violência ocorrida contra a Maria da Penha, e durante quinze anos as autoridades brasileiras não ter tomado medidas efetivas para processar e punir o agressor, mesmo após as denúncias da vítima o agressor, ainda, continuava em liberdade. Convém salientar a Convenção de Belém do Pará que foi decisiva para o cumprimento da decisão pelo Estado brasileiro que concluído no âmbito nacional e posteriormente, para que o agressor fosse preso, em outubro de 2002, quase vinte anos após o crime, poucos meses antes da prescrição da pena. (FERNANDES, 2012).

No ordenamento jurídico brasileiro que surgiu em 7 de agosto de 2006, com o nome dado em homenagem a uma vítima de violência doméstica, foi a Lei Maria da Penha sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Lei nº 11.340, na qual criou mecanismos para inibir e prevenir a violência doméstica contra a mulher, e como prevê o art. 226, § 8ª da Constituição Federal, a criação de juizados e Delegacias de defesa da mulher para que seja, garantidos a proteção, e a assistência a aquelas que sofressem agressões. (OLIVEIRA, 2010).

Portanto, afirma-se que são muitas mulheres que ao longo dos anos com muitas lutas e determinações em busca do seu espaço na sociedade, contribuíram com muitas obras, deixando um legado artístico, intelectual e social, e que vem transformando muito na forma de ver e agir do povo em prol dos direitos iguais, diminuindo a diferença entre os gêneros. Assim, a mulher tem capacidade de despertar o seu valor para a construção de uma sociedade mais digna, e uma qualidade de vida melhor e uma plena harmonia e respeito entre ambos os sexos.

4 A IDENTIDADE FEMININA NA OBRA CAIS DA SAGRAÇÃO

4.1 Josué Montello: Vida e Obra

Acredita-se que o romancista maranhense Josué de Sousa Montello é aquele que mais soube expressar o dia a dia do povo maranhense em especial o ludovicense, sua produção configura um verdadeiro retrato historiográfico da capital do Maranhão, fazendo assim com que o mesmo fosse considerado um dos grandes nomes da literatura do Estado.

Nascido em 21 de agosto de 1917, na cidade de São Luís do Maranhão. Montello nasceu em uma casa que ainda hoje existe, na Rua dos Afogados, às 4:30 horas da manhã, seu horário de nascimento serviu de referência para o hábito de se levantar nesse horário para trabalhar durante toda sua vida. Viveu muito, foram mais de 60 anos dedicados exclusivamente à cultura e à arte, no caso, à literatura, com a qual a vida de Josué realmente se confunde. Filho de um descendente de Italianos e de uma Portuguesa, seu pai Antônio Bernardo Montello era pastor protestante sendo assim, Josué cresceu tendo a Bíblia Sagrada de seu pai ao seu lado, tal livro foi de muita importância para a criação literária do escritor maranhense, sua mãe Mância de Souza Montello que era descendente de Portugueses. O autor sempre foi um apaixonado pela leitura e dela nasce a vontade de escrever. Desde muito cedo sempre apresentou tendência para a vida literária. Montello foi jornalista, professor contista, cronista, ensaísta, historiador, teatrólogo e romancista. (SECMA/CCJM, 2009).

Segundo Hill (2007, p. 130) ressalta que Montello, “recebendo influência de Machado de Assis, na estruturação da narrativa e de estrangeiros como Stendhal, Eça de Queiroz, Dostoiévsk [...] Josué direciona seu processo-narrativo, incorporando-lhes aspectos da técnica do romance moderno.” fazendo assim uma mesclagem com o romance tradicional, eis então a razão pela qual os leitores conseguem se familiarizar rapidamente com as obras montellianas, especialmente aquelas que retratam a cidade de São Luís, que são aquelas que o autor consegue fazer com que a verossimilhança seja presença marcante, fruto das recordações de uma capital antiga sondada de figuras que viraram lendas, de casarões que outrora presenciaram festas e funerais, alegrias e tristezas, contentamentos e decepções.

A saga Ludovicense que Montello retrata evoca memórias nostálgicas e crê-se que assim, a ludovicidade ficou mais a florada no campo literário. Membro da Academia Maranhense de Letras, professor e escritor José Neres. (2008, p. 81) faz a seguinte afirmação sobre o autor de *Cais da Sagração*:

Escritor de várias vertentes, o autor de *Os Tambores de São Luís* é nacional e internacionalmente conhecido por seus romances e por novelas. O experiente intelectual, porém, jamais ficou limitado a uma ou outra categoria literária, demonstrando sua erudição humanística também em historiografia literária, crítica, peças teatrais, textos infanto-juvenis, diários, anedotários e crônicas.

Essa passagem por vários gêneros literários faz com que ele seja um dos poucos autores maranhenses a ser reconhecido dentro e fora do país. Montello era um incansável prosador como se atesta pelo grandioso número de livros publicados, praticamente um marco na história da literatura maranhense. Poucos escritores conseguiram tal feito. De acordo com a escritora e doutora em Letras, a professora Telenia Hill. (2007, p.130).

Dedicou-se com mais intensidade à produção romanesca, que inaugura com *Janelas Fechadas*, em 1941, romance da vida de arrabalde de São Luís. Completamente modificado para figurar nas *Obras Completas*, Josué imprime-lhe a feição de um autor perfeitamente amadurecido, consciente de sua técnica.

Montello mantinha praticamente a mesma estética de Machado de Assis, principalmente no que tange a verossimilhança, todavia o autor maranhense buscava em sua memória um pano de fundo para tecer suas narrativas. Assim ler Josué Montello, sobretudo as obras que têm São Luís como cenário é passear pela historiografia do Maranhão, é uma revisitação às páginas já corroídas pelo tempo da história dessa terra.

Com a ponta da caneta o escritor ressuscitava a capital evocando o mundo de outrora, Josué se configura assim um exímio cantor dos grandes fatos que marcaram a vida dos Maranhenses ao longo de 400 anos e com ele rememora-se alegrias e tristezas dos nossos antepassados; e o “flash-back é um recurso constante no desempenho de seu processo romanesco, que também se vale do fazer da representação teatral”. (HILL, 2007, p. 130).

Josué Montello possuía uma forma impressionante de escrever, uma página por dia fazia com que no final de um ano surgisse um livro de trezentas e sessenta e cinco páginas, o que é peculiar do escritor pelo fato de ter sido um homem ocupado, o autor de *Labirinto de Espelhos* tinha sua vida pública bastante ativa, pois dentre muitas funções ele exerceu cargos como: Reitor da Universidade Federal do Maranhão, Diretor da Biblioteca Nacional, Embaixador do Brasil em outros países, além de ser professor e ministrar cursos no Brasil e exterior, enfim, sua vida sempre foi muito movimentada; daí compreende-se que Montello realmente tinha amor pela literatura, pois nada o impedia de escrever e publicar.

Pode-se dizer que a memória de Montello era o segredo do seu sucesso, pois ele possuía “um saber enciclopédico e uma memória fotográfica” (SARNEY, 2006, p. 27) e mesmo trabalhando e vivendo distante do Maranhão, ele nunca esqueceu o berço de onde surgiu muito pelo contrário, Josué simplesmente divulgou o seu torrão natal ao Brasil e ao Mundo, só pela sua magnífica e perfeita memória. Tal captação das antigas imagens que

viviam transitando na lembrança do escritor de Coroa de Areia percebe-se ao lê-lo que sua narrativa resulta da harmonia entre a imaginação e da memória perfeita que ele tinha. Conforme a citação abaixo:

Homens como Josué Montello são obra do tempo. É preciso trabalho secular, e por isso poucos aconteceram. Mas o traço marcante e indelével de sua personalidade era o seu amor ao Maranhão, seu encanto, sua fascinação pela sua terra, que nunca deixou de ter um lugar de reverência em tudo o que escreveu. (SARNEY, 2006, p. 27).

A referência do ex-presidente José Sarney é muito significativa, pois além de pertencer ao mesmo estado, o mesmo possuía uma grande ligação fraterna com Montello, como ele mesmo afirma, “Josué era uma convivência admirável. Meu amigo da vida inteira tinha o gosto da conversa viva, brilhante, erudita e afetuosa” (SARNEY 2006, p. 27). E esse sentimento não apenas pela perda física do homem, mas em especial a literária é compartilhado com outros escritores que conheceram o trabalho de Josué.

Conforme Moraes Filho (2006, p. 3) salientou com muito pesar: “Josué Montello constitui um tema inesgotável. Dele ou se diz mais ou de menos”, o fato é que do escritor de Os Tambores de São Luís, há sempre alguma coisa a se dizer.

De certa maneira sempre há o que se dizer de um escritor e Josué Montello também teve críticos ferrenhos que não perdoava nenhum tipo de deslize do escritor, como é o caso de Fernando Jorge que criticou Montello por se prolongar em demasia no discurso de posse da Academia Brasileira de Letras, ocorrido no dia 4 de junho de 1955, Jorge (1999, p. 285-286) diz:

O romancista de *Cais da Sagração* ejaculou um discurso exaustivamente longo, pois esta parolagem ocupa 49 páginas cerradas do volume décimo terceiro dos *Discursos acadêmicos*, publicado em 1961. Ele deve ter demorado mais de duas horas, para despejar isto, porque eu calculei de modo preciso: cada uma dessas 49 páginas, lida em voz alta, exige no mínimo uns dois ou três minutos.

Montello chamava a atenção de todos, tanto para os elogios, quanto para as críticas. Mas isso não abala a biografia riquíssima desse maranhense que tinha em suas veias o sangue literário. Josué Montello, graças as suas produções conseguiu entrar para a Academia Brasileira de Letras - ABL como foi citado no parágrafo acima, mas antes disso ele ganhou “todos os prêmios cujo homenageado era maranhense” (NERES, 2008, p. 20) da Casa de Machado de Assis, um feito impressionante na vida de um escritor.

Josué não se limitou a prosa, também escreveu poesias, mas essas não tiveram tanto sucesso quanto seus textos narrativos. “Dos 27 romances que escreveu, dois eram os

seus prediletos, respectivamente, traduzidos para o francês e sueco: *Os Tambores de São Luís (1975)* e *A Noite sobre Alcântara (1978)*” (MORAES FILHO, 2006, p. 2). Tais romances foram marcantes não apenas na vida do autor, mas de toda a literatura brasileira.

Lamentavelmente, a partida de Josué Montello aconteceu na noite 15 de março de 2006, quando este tinha 88 anos de idade. Uma morte sentida por todos, tanto que “diversas homenagens eram publicadas em jornais de todo o território nacional” (NERES 2008, p. 71). A literatura maranhense perdeu mais um dos seus grandes expoentes na literatura de prosa, e pelo que se observa sobre produção maranhense, ainda não se tem um nome que chegue ao lugar que Montello chegou ou que esteja no caminho.

Silenciava os tambores do Estado do Maranhão, silenciava a única voz que transformou a vida do negro no Brasil em uma epopeia que transcende a ficção. Montello foi “vítima de insuficiência cardíaca, provocada pela fragilidade decorrente da pneumonia” (O ESTADO DO MARANHÃO, 16 de Março de 2006). Uma perda bastante significativa e crer-se que irreparável para a prosa de ficção do Maranhão e do Brasil. E de maneira saudosa o acadêmico Evaristo de Moraes Filho (2006, p. 2) lembra-se do escritor maranhense:

Pai, avô e bisavô, foi um chefe de família exemplar. Marido excepcional, viveu com Yvonne um afeto calmo e de todas as horas. Nela teve sempre sua primeira admiradora e colaboradora. Por lhe frequentar a casa, por longos anos, sou disso testemunha. Hilleda e eu nunca faltávamos a *réveillons* em seu apartamento na Avenida Atlântica.

Sabe-se que Montello foi muito importante para as letras do estado, assim como Graça Aranha, os irmãos Arthur e Aluísio Azevedo ou Raimundo Corrêa. Ele perenizou seu nome nas páginas amareladas da história da Literatura Brasileira e seus livros se tornaram mundialmente conhecidos, principalmente pelas temáticas que ele abordava em cada obra literária, isso deve ser levado em consideração e por tal razão é que cada livro requer do pesquisador um olhar diferente e uma dedicação intensa ao estudo das narrativas montellianas.

4.2 Enredo

A obra *Cais da Sagração* é um romance épico, que tem a capacidade de conduzir os leitores, ao atrair sua atenção para observar a característica do modernismo e perceber as ações inovadoras que vem desenvolvendo desde épocas passadas até os dias atuais. De certa forma, percebe-se em cada capítulo momentos que representam o passado, e outras situações que demonstram o presente. (FIGUEIREDO, 2005).

Cais da Sagração foi publicado em 1971 e antecede o romance *Os Tambores de São Luís* de 1975; o livro *Cais da Sagração* é um pequeno aperitivo daquilo que viria quatro anos depois. Notadamente é um dos maiores romances de Josué Montello, tendo em vista que a obra aborda uma temática que ultrapassa as gerações, que é o patriarcalismo.

Historicamente falando *Cais da Sagração* é um monumento construído no ano de 1841 e assim era nomeado ‘Sagração’ devido à “coroação de D. Pedro II como imperador do Brasil, motivo pelo qual o cais foi batizado de “Sagração”, em homenagem ao novo monarca” (MARQUES 1970, p.165), Josué dessa forma, já traçava seu romance pelo contexto histórico da sua amada São Luís.

A obra é mais uma maneira de immortalizar a cidade de São Luís, sua gente e suas lendas encantadas em torno do mar, o que é característica peculiar de Montello. Para José Chagas. *Jornal O Imparcial* (2007, p.1).

A obra de Josué Montello é importante, porque resguarda o patrimônio imaterial de São Luís. Mesmo que toda a estrutura material da cidade desapareça... São Luís permanecerá intacta nas páginas dos romances dele, que immortalizaram as ruas, as praças e a alma da cidade.

No universo do texto, pode-se perceber claramente, quão importante são os romances de Montello, e *Cais da Sagração* segue a mesma trilha da perenização histórica e geográfica do patrimônio material e imaterial do ludovicense. Nesta obra, percebe-se que o homem do mar é narrado de maneira com grotesca, fazendo assim uma analogia a profissão de barqueiro que não é uma das mais fáceis, tendo em vista os perigos da navegação e a luta diária para conseguir o sustento.

Sabe-se que ao longo da literatura universal, muitos escritores utilizaram o mar como ambiente para suas narrativas, da Bíblia com a abertura do Mar Vermelho ao Navio Negreiro de Castro Alves, e entre outros, ter o mar como personagens requer do escritor muito domínio, sobretudo, porque o mar é um mistério constante. Mas o imortal José Neres (2008, p.78) diz:

Os escritores maranhenses, felizmente, não deixaram escapar tão grandioso e temível cenário em suas obras, aproveitando a beleza de nossas águas para a ambientação de suas personagens. Dentre tantos que já tentaram dominar o mar com força abstrata da imaginação e com força física de suas criações, podemos destacar Josué Montello [...].

Dessa forma, convém ressaltar que ao trabalhar o mar, Josué Montello escreveu sua narrativa partindo do ponto mais importante da capital maranhense que é o mar, pois como é sabido de todos, geograficamente São Luís é uma ilha no meio de um vasto mundo de águas salgadas. Ou seja, o ambiente perfeito para a criação literária de um ludovicense.

Assim, *Cais da Sagração* narra à história de Mestre Severino barqueiro rude, que não teme absolutamente nada, nem sequer a morte. Mas acima disso, Severino é um homem que não se deixa levar por qualquer sentimento, em especial o amor. Diante da narrativa, o leitor observa que Severino carrega sal em seu caráter, pois para honrar seu nome ele é capaz de cometer qualquer coisa, inclusive assassinar, como foi o que ocorreu com Vanju, também ao arquitetar em mente a morte do próprio neto.

Cais da Sagração está dividido em trinta e nove capítulos que prende o folego do leitor devido o desenrolar imprevisíveis de seus capítulos. Como toda obra de Montello, a verossimilhança é muito forte na obra, mostrando além das ruas e monumentos de São Luís, toda a costa marítima do Maranhão evocando também uma das maiores lendas do Estado, que é a de D. Sebastião:

Ei-lo que começa a ver à sua direita o navio encantado de D. Sebastião, com a sua inconfundível luz de muitas cores [...].

— É o rei! — exclama, de cabelos eriçados, imóvel, os olhos exorbitados.

E ele vê realmente D. Sebastião no seu cavalo branco. Antes que o espanto do velho se atenuar, o ginete salta do convés para a praia, num único impulso, e agora lá vai, lepte, lepte, no mesmo galope garboso, pela faixa de areia limpa que parece não ter fim. A luz do luar bate nos arreios de ouro e prata, cintilando a maneira de um halo. Cavalo e cavaleiro se contemplam na configuração de um centauro. E já vão longe, muito longe, quase apagados na distância. Antes que desapareçam, o cavaleiro torce a rédea, e o cavalo começa a voltar, sempre a faiscar ouro e prata, e no mesmo galope. (MONTELLO, 1981, p.195).

Comenta-se sobre o mau presságio que a lenda traz. Um anúncio de morte é o que a visão do rei menino leva aos homens desbravadores do mar. E tal aparição pode ter sido apenas uma impressão de Mestre Severino, visto que ele andava doente com problemas cardíacos seríssimos. Aí há uma possibilidade de associação entre as duas coisas, visto que Severino vivera 42 anos sobre o mar e nunca havia avistado o tal rei encantado.

Esses ambientes na obra de Montello são personagens inanimados que embelezam a trama de *Cais da Sagração*, principalmente no que diz respeito ao mar. O mar é o principal motivo de tudo, é o canal para tudo e os acontecimentos mais importantes ocorrem sobre ele.

E Josué Montello capta preciosamente detalhe por detalhe dos elementos marítimos da Ilha de São Luís, como se atesta na citação abaixo:

Vendo o rio Anil misturar as águas mansas nas águas do mar, embaixo o leito da estrada de ferro, adiante o vão de um túnel, mais além a praia do Jenipapeiro, do outro lado o *Cais da Sagração*, alguns barcos de velas desfraldadas, outros lerdamente ancorados sob o mormaço e ao longe, muito ao longe, para lá da Ponta da Areia, no fundo do horizonte, o contorno de Alcântara como uma sombra mais cinzenta. (MONTELLO, 1981, p. 258).

Diante do exposto, percebe-se nitidamente que o escritor antes de escrever a obra, estudou a costa do litoral maranhense, pois essa descrição precisa, rica de detalhes só pode ser realizada tendo por base pesquisas, mapas ou ter dialogado com alguém que estivesse vivido essa vida de barqueiro, bem como Mestre Severino.

Josué Montello é categórico em contar pontos da sua criação artística, a seguir: O romance que trata de um homem barqueiro, Mestre Severino, que decide ter outra mulher Vanju, uma prostituta levando-a para sua casa, mesmo estando casado com Lourença e residindo com a mesma; com o passar do tempo, Mestre Severino suspeitando de que Vanju o havia traído, tratou de assassinar a mulher afogada. Antes disso, Vanju havia dado luz a uma menina que chamava-se Mercedes e, esta, deu luz a Pedro em homenagem ao avô de Severino. Pedro é tudo o que o velho barqueiro queria para dar continuidade à vivência da vida no mar que ele aprendeu ainda adolescente, como se atesta pela prosa que ele teve no barco com Clementino Pinto: ‘Cheguei aqui menino, com 12 anos feitos, pela mão de meu pai que conhecia este mar de olhos fechados’. (MONTELLO, 1981, p. 179).

É por esse motivo que crer-se que o mar é o personagem principal da narrativa. Os demais giram em torno dele e são de certa forma controlada pelas águas salgadas do litoral do Maranhão. Por tal motivo, as palavras de Hill (2007, p. 132) são bem inseridas nesse contexto, pois ela salienta que:

Com respeito à participação da natureza no romance pode-se afirmar que ela não funciona como mero *décor* ou como veículo de intensificação do clima emocional. Lato sensu, ela vale por si como personagem pleno que se integra na história do romance: as costas marítimas do Maranhão se apresentam com toda beleza e mistério.

Afora essa questão, o livro traz ao leitor outra temática que o Brasil viveu por muitos e muitos anos e que ainda há resquícios dela em alguns interiores dos lares do país, que é o patriarcalismo. O mesmo é tão bem retratado em outros romances de escritores famosos, a exemplo de José Lins de Rego com a obra *Fogo Morto*, todavia a versão de Montello trata do patriarcado de um homem do mar, diferentemente dos donos do poder que

se via no período da escravidão, mostrando que as questões de patriarcado nada têm a ver com questões financeiras.

O Brasil patriarcal era o padrão das famílias de bom costume, toda mulher deveria ser submissa ao seu marido ao ponto de se tornar até uma verdadeira escrava, tanto para os deveres de casa, quanto para os prazeres carnavais. E ao analisar a obra *Cais da Sagração* por esse viés, observa-se que, a esposa de Mestre Severino foi exatamente esse estereótipo de mulher submissa ao homem da casa.

As passagens do romance que descreve a posição de Lourença diante da “afronta” de o marido ter outra mulher e vivendo com ela na mesma casa, choca o leitor mais atento. É evidente que para os dias atuais isso é simplesmente inadmissível, mas para a época era tido praticamente como algo de praxe para o marido. Mas Severino foi além, casou-se com uma meretriz e ainda por cima levou-a para morar junto com sua esposa. Sobre isso se observa algo importante, pois de acordo com o discurso da professora Sturt Mille *apud* Lêda Tajra (1990, p. 6):

O marido era visto como soberano da mulher, ao passo que esta era tanto serva como escrava do marido. Ela lhe jura obediência perpétua no altar e fica presa a esse juramento, legalmente, por toda vida. Não pode realizar qualquer ato que seja, exceto com a permissão dele.

Era, exatamente, isso que Lourença fazia. Sem citar uma só palavra de rejeição diante das atitudes do marido. Lourença é o resquício de mulher que vivia em uma sociedade patriarcal que tem suas raízes muito profundas, tanto que até os dias atuais ainda se vê casos de mulheres submissas ao homem casa. Mulheres que possuem medo de erguer até a voz devido às ameaças e as atitudes violentas de seu companheiro, e jamais questionariam uma tomada de decisão do mesmo, isso ocorre porque. “ainda nos dias atuais, a organização familiar brasileira preenche toda uma gama que vai desde a família semipatriarcal até a família conjugal moderna”. (SAFIOTTI, 1976, p.178).

Independentemente dessa temática, outro assunto polêmico circunda o livro, mas de forma mais contida, que é o homossexualismo, assunto este que será abordado em um capítulo mais específico deste trabalho monográfico, mas que possui sua carga de importância, devido ao temperamento de Mestre Severino, que já tramava assassinar o próprio neto se, este se revelasse efeminado.

Enfim, *Cais da Sagração* possui muitas visões e dá margens para várias análises sobre a obra; talvez seja por isso que muitos críticos falaram tão bem em relação a essa narrativa, como por exemplo, Almeida Fischer *apud* Montello (1981, p. 319):

A estrutura do romance é das melhores, as cenas são bem armadas e conduzidas, convincentes em sua realização, a linguagem é limpa e correta, como tudo, aliás, que sai da pena privilegiada de Josué Montello. Há densidade e emoção nos episódios mais marcantes do livro, a técnica do romancista superando todas as dificuldades de comunicação. *Cais da Sagração* pode ser lido e apreciado por estudiosos da literatura que põe em cheque problemas de criatividade literária e de transmissão de mensagem e por leitores muito comuns, que buscam na leitura um prazer de momento, entretenimento. É livro que não frustra o leitor, qualquer que seja sua posição em face da criação literária. É destaque na produção romanesca de 1971, livro que de fato merece amplo sucesso de crítica e de público que vem obtendo em todo o país.

Afirma-se que *Cais da Sagração* constitui uma das maiores obras de Josué Montello, sobretudo pela narrativa bem estruturada e o desenlace final, que choca o leitor diante da frieza com que é retratada toda a cena. Esta obra é um verdadeiro retrato de que a vida no mar, em especial do homem do mar possui muito mais sal do que se pode imaginar.

5 CARACTERIZAÇÃO E DEFINIÇÃO DOS PERSONAGENS SOBRE A ÓTICA DO PATRIARCALISMO

5.1 Mestre Severino: O protótipo do homem patriarcal

Na história da literatura brasileira, o homem sempre teve destaque, mostrando seu domínio diante da sociedade. Na verdade há poucos livros que retratam as mulheres com papel de destaque, ou seja, sendo personagem principal. Ora, ao fazer tal afirmação é necessário atentar para o fato de que a literatura retrata a vida, o cotidiano de um povo e a sociedade que os escritores retratavam era a patriarcal. Desde o começo da literatura com autores como José de Alencar (Diva) até chegar ao maior enredo sobre o patriarcalismo que é mais nítido na obra de José Lins do Rego (Fogo Morto).

No romance *Cais da Sagração*, Montello traz às retinas do leitor, uma imagem do patriarcalismo existente no Brasil, que é Mestre Severino, homem extremamente ignorante, que tem suas atitudes baseadas no machismo em excesso. O homem frio e calculista que só tinha um único amor, o mar. Isso fica claro na obra, quando se observa que o barqueiro não alimentava nenhum tipo de sentimento pelas mulheres que havia em sua casa, nem a esposa e tão pouco a prostituta que ele resolveu ter como esposa. Há na personalidade de Severino, muito do gênero masculino, isso faz com que haja certo tipo de menosprezo pelo sexo feminino, como se atesta na citação abaixo:

Para ele, em verdade, a família era uma dinastia de varões, e todos sobre as águas, indômitos, queimados de sol, rompendo as ondas com a quilha de seus barcos. Se pudesse retroceder no tempo, sabia que ia encontrar outros barqueiros como o pai, como o avô, como o bisavô, fiéis ao mar até a morte, numa interminável genealogia de nautas invencíveis. (MONTELLO, 1981, p. 58).

Tudo o que Severino queria era ter um filho homem, que sua esposa Lourença em anos e anos de casado não lhe dera. Um homem seria a certeza da continuidade da vida no mar, todavia, até Vanju não lhe dera um filho, mas sim uma menina, que deixou o velho cabisbaixo e pensativo, pois ele pensava consigo mesmo: “sem outro homem na família, a quem entregaria o Bonança quando as forças lhe faltassem?” (MONTELLO, 1981, p. 59). A preocupação era com a continuidade da linhagem masculina na família para que a profissão de barqueiro não fenecesse ao longo do tempo.

O gênero feminino sempre foi menosprezado por Severino, estereótipo e menosprezo é tipo de família patriarcal, pois segundo Freyre (2004, p. 208) “ir para a cama com o marido, toda santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado da

obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter criar menino”. Isso é retratado na obra, o orgulho masculino é colocado nitidamente em várias passagens da narrativa, o protagonista não se submete nem a um tipo de tratamento dado muitas vezes, as mulheres, como na visita ao médico em que ele se recusou a seguir as ordens médicas e ao relatar à Lourença disse-lhe: “era só o que me faltava: dentro de casa, de resguardo, feito mulher parida!” (MONTELLO, 1981, p. 83). Um verdadeiro protótipo da frieza masculina no ser humano.

Contudo, falar do patriarcalismo e expor, especialmente Mestre Severino são mostrar um verdadeiro homem patriarcal. A obra *Cais da Sagração* apresenta o mesmo com traços bem marcantes, tais como um homem de idade avançada, com a saúde debilitada, mas que recusava se tratar. Portanto, o mesmo apresentava uma personalidade muito forte a ponto de controlar a vida de todos que convivem ao seu redor.

Quando se observa Mestre Severino, até parece que ele representa apenas a ficção, uma calúnia difamatória do gênero masculino, mas não é bem assim. O homem pela honra chega até a assassinar, fora o fato de ser extremamente preconceituoso, pois mesmo o neto querendo ser padre ele repele da maneira mais áspera possível, quando ele diz ao padre Dourado que “meu neto, enquanto eu for vivo, não veste saia diante de mim, mesmo essa que o senhor tem ao corpo. Prefiro ver o Pedro morto.” (MONTELLO, 1981, p. 78). Há uma recusa muito grande sobre a eficiência de uma mulher, isso talvez seja explicado pela falta de carinho materno, afinal de contas devido o falecimento de sua mãe, Severino tinha poucas lembranças dela.

Mas um ponto interessante a ser levantado em consideração é a violência utilizada na obra para com a mulher, todas são tratadas de forma áspera; e, mesmo, com todo o constrangimento de ter outra mulher dentro de casa, Lourença não sofreu tanto quanto a meretriz Vanju, que pagou pela suspeita de uma traição com sua própria vida. Ora, isso é o retrato de muitas histórias de mulheres que tiveram suas vidas ceifadas pela suspeita de um adultério. Os dados são alarmantes, “os estudos revelam que um, em cada três assassinatos de mulheres, são cometidos por parceiros ou ex- parceiros. E, que mais da metade dos crimes acontece dentro de casa”. (SERPONE, 2011, p. 1).

Entretanto, Montello relata sobre o barqueiro Severino tomado do mais extremo ciúme resolveu por fim na vida de sua mulher Vanju. A alegação de ser um bom marido chega a encher os olhos do leitor e provocar no mesmo o desejo de culpar a mulher pela atitude desesperada do marido. Isso é observado quando ele fala:

— Tudo quanto uma mulher pode querer de um marido, eu dei a Vanju. Carinho, dinheiro, casa e comida, vestido novo, passeio, revista de moda, sapato alto, chapéu, tudo ela teve de mim, neste ano e meio. Só não levei ela a São Luís, numa de minhas viagens, depois que nos casamos, porque isso mesmo tinha ficado assentado. Em São Luís, como o senhor está farto de saber, ela tinha sido mulher da vida. Era muito duro andar de braço com ela, encontrando na rua homens com quem a Vanju já tinha dormido. Por isso eu disse a ela, com toda clareza, e ela me deu razão: “Você casa, mas nunca mais põe os pés aqui.” Na verdade, Padre, o que eu queria era evitar era a tentação. O que os olhos não vêem, diz o ditado, o coração não deseja. (MONTELLO, 1981, p. 110).

Ora, o fato de um homem portar-se como bom marido, quando sua mulher demonstra não ser uma boa esposa, não dar nenhuma prerrogativa para que se cometa um homicídio. No caso de Vanju, o homicídio foi arquitetado de maneira fria e sem chance de defesa da vítima, tanto que Mestre Severino, réu confesso, ficou 22 anos cumprindo sua pena em regime fechado. Mas deve-se salientar que em muitos casos isso não ocorre, muitos crimes passionais ficam impunes porque geralmente a culpada é a mulher que não se portou como uma boa esposa, é exatamente isso que Severino tenta alegar, a culpabilidade de Vanju ao se debruçar sobre a janela para ver ou mesmo conversar com Dr. Genésio que era promotor da cidade.

A honra masculina, muitas vezes é o principal motivo de muitos casos de violência que culmina em morte de mulheres no Brasil e no mundo. Todavia, ao regressar ao romance de Montello, observa-se que a dignidade feminina não é valorizada, aliás, nenhum sentimento. Quando Caulfield (2000), fala sobre “fidelidade sexual” questiona-se sobre a fidelidade do homem em todos os aspectos, acaso ela não existe? E a fidelidade de Severino para com Lourença, que sempre foi fiel ao barqueiro, como fica essa situação?

No livro *Cais da Sagração* não mostra como se deu o processo de julgamento do réu confesso Severino, todavia, a frieza dele ao relatar o caso ao padre Dourado, leva o leitor a enxergar determinado tipo de orgulho pelo ato cometido, pois em momento algum ele demonstra ter se arrependido, muito pelo contrário, dá a entender que o assassinato foi necessário para se defender a honra e a palavra de um homem como se atesta na fala do velho barqueiro: “[...] E depois? Depois a Vanju tornava a se perder, hoje de um, amanhã de outro, e ainda por cima com o meu nome. Não, Padre, era demais!” (MONTELLO, 1981, p. 108). Percebe-se, aqui, um orgulho machista que ainda vigora nos dias atuais.

É importante salientar que na obra, identificam-se algumas declarações do barqueiro que tenta justificar a sua atitude em várias passagens e sua confissão, tentando de sobremaneira colocar a culpa na prostituta com quem ele casou:

Eu sempre que ia a São Luís, trazia para ela, na volta, um bonito agrado: ora um vestido, ora um sapato, ora uma bolsa, e, sobretudo revistas, muitas revistas, para ela ter com que encher os olhos [...]

— De homem, com o perdão da má palavra, ela não tinha do que se queixar: quantas vezes fosse preciso, quantas vezes eu atendia. Peço ao senhor que me perdoe, se lhe conto estas coisas, que só marido e mulher devem saber. Mas é preciso que eu lhe conte tudo, tudo mesmo, para que o senhor se ponha no meu lugar. (MONTELLO, 1981, p. 110).

Essas conversas, esses relatos em excesso de drama, proferido por Severino, é pontualmente o que falam a maioria dos assassinos ou dos homens que todos os dias violentam mulheres de todas as maneiras. Montello recria o diálogo do barqueiro de acordo com o que realmente ocorre durante anos e anos. Quantas e quantas vezes, ao atentar para os noticiários, se observam notícias de violência contra mulheres, pois o que parece é que os parceiros ainda vivem em um país patriarcal, a mulher não passa de objetos.

Muitas vezes, os casos de violência ocorrem com mulheres de baixa renda como fica explícito no romance, há também casos de destaque nacional. Alguns casos de violência e morte de mulheres ganharam destaque como o caso de Guilherme de Pádua que assassinou Daniela Perez, morta com golpes de tesoura, ocorrido em dezembro de 1992 na cidade do Rio de Janeiro no Brasil ou de Lindomar Castilho que assassinou a ex-esposa, em março de 1981 na cidade de São Paulo no Brasil. (SERPONE, 2011).

No entanto, há quem afirme que a história de Montello é um regresso ao caso famoso de traição, erigido por Machado de Assis no livro *Dom Casmurro*. O escritor José Neres (2008, p. 79): Afirma que:

Em *Cais da Sagração*, Josué Montello traz de volta às letras o conhecidíssimo enigma de Capitu, desta vez na figura de Vanju, uma prostituta que conquista o coração do rude mestre Severino. A grande dúvida da obra — Vanju traiu ou não seu marido? — não é respondida [...].

O que se pode afirmar é que realmente não há provas concretas de traição por parte de Vanju e, sim, por parte de Mestre Severino para com sua primeira mulher Lourença, que em silêncio via os fatos e acatava a todos os mandos e desmandos do homem rude que ela tinha como verdadeiro e único amor.

5. 2 Lourença: A esposa preterida

Ao ler a obra *Cais da Sagração*, o leitor se depara e, se impressiona com a personagem Lourença, uma mulher-escrava de seu próprio marido. A figura da Lourença totalmente submissa aos mandos e desmandos de Severino impressiona o leitor da atualidade, todavia, ela é o estereótipo de mulher do período patriarcal vivido no Brasil.

No romance, Lourença sempre foi uma boa esposa, nunca contrariou as ordens do marido, sempre que podia aconselhava-o para o seu próprio bem sobre os perigos do mar. Contudo, Mestre Severino achou por bem, substituir ela por outra e essa outra era uma prostituta. Ao saber do matrimônio entre os dois, a velha senhora sentiu o impacto da dor de ser “traída”:

Nos primeiros momentos, Lourença experimentou a sensação [...] de haver recebido uma pancada na cabeça. Deixou pender os braços, tonta, lábios entreabertos, olhos crescidos, as pálpebras imobilizadas. Seu coração, de tanto bater, pareceu a ponto de rebentar-lhe dentro do magro peito ofegante [...]. Mas não ódio e revolta a sua primeira reação ao desapontamento que a destroçava, e sim de medo, um medo pânico, [...] que a fez indagar, num fio de voz trêmula [...] — E o que é que você vai fazer comigo? (MONTELLO, 1981, p. 51).

Como toda boa esposa, o que fazia com que Lourença temesse era ficar só. Mesmo com toda a arrogância do marido, ele era para ela o porto seguro e não saberia viver sem ele. Ora, isso é o pensamento de muitas mulheres que preferem ser tratadas como objetos pelos seus parceiros do que deixá-los. Todos os dias a televisão mostra casos de mulheres que preferem sofrer ao lado do marido a deixá-lo, muito mais do que dependência, mas um regime de auto escravidão, o que chega a assustar a quem acompanha tais casos, principalmente porque o século que se vive, já não permite que a mulher seja dependente de seu conjugue para sobreviver.

Ao contrário de Severino, Lourença sempre foi uma mulher forte, na obra não há indícios de que ela sofria algum problema de saúde, Antes, de uma esterilidade que ela dizia ser o motivo de ser trocada por outra, “— a culpa é minha, de mais ninguém [...] — é a minha sina, tenho de sofrer, preciso de paciência” (MONTELLO, 1981, p.52-53). Todavia, o velho barqueiro possuía um problema seríssimo no coração, era tão séria que de acordo com o médico, o homem não poderia mais velejar. Porém, essa situação inversa não deu margem para que Lourença viesse a ser a dominadora e ele o dominado, ou mesmo deu base para que a opinião dela fosse levada em consideração. Na verdade, esse é o tipo de relacionamento patriarcal que as famílias viviam, o qual “quase o mesmo ser franzino que a mulher, debilitado quase tanto ela pela inércia e pela vida lânguida, porém em situação privilegiada de

dominar e de mandar do alto” (FREYRE, 2004, p. 217). Quer dizer, por mais que o marido tivesse qualquer tipo de problema de saúde que aos olhos da medicina fosse algo grave, mesmo assim, o homem sempre imperava em seu lar e, jamais deveria ser contrariado.

Mas, existe a necessidade de se fazer uma ressalva em relação à esterilidade da esposa de Severino. Ser estéril em um país patriarcal nunca foi algo bom para o gênero feminino, o homem quando se casava já pensava em construir uma família e geralmente muito numerosa, muitas passavam de sete membros. De acordo com as palavras de Lipovetsky (2000, p.105-106) “assim, a mulher reconhecida como estéril não é considerada uma verdadeira mulher: ela o é apenas depois de ter procriado. Ser inacabado e incompleto, a mulher infecunda é desprezada porque torna impossível o cumprimento do dever de descendência”. Eis o preço que Lourença foi obrigada a pagar por ser estéril, o desprezo do velho barqueiro.

Os abusos cometidos contra Lourença no decorrer da narrativa era impiedosos, principalmente, aqueles que eram cometidos contra a sua moral. Lourença teve que aceitar outra mulher dentro de sua própria casa, casada no religioso com o seu marido. E por mais incrível que pareça, a mulher nunca murmurou algo, sofria calada. Quando se trata da morte de Vanju, ela agiu como verdadeira cristã, como se atesta na citação abaixo:

E foi ela, Lourença, de olhos crescidos, quem trocou sozinha a roupa molhada da outra, e acabou de lhe cerrar as pálpebras, e lhe cruzou as mãos frias em cima do peito, na cama da alcova, sem esquecer de pôr o crucifixo à sua cabeceira, ladeado pela chama de duas velas compridas, enquanto Mestre Severino chorava a um canto, o rosto escondido nas mãos. (MONTELLO, 1981, p. 64).

O que seria normal era que ela comemorasse a desgraça acontecida na vida de Vanju, afinal de contas o caminho estava novamente livre para ela ou que ela própria tivesse provocado à morte da mulher, mas ao contrário do que se possa imaginar, Lourença agiu tomada de uma piedade cristã e chegou a se espantar diante daquela situação. E no decorrer da narrativa, a mulher sequer culpou Vanju ou Severino por tudo o que aconteceu em sua vida, preferiu culpar terceiros que não tinham envolvimento algum com a história, dizendo, “no fundo, pensando bem, foi mau-olhado que botaram em mim” (MONTELLO, 1981, p. 175). O que na verdade serviu de subterfúgio para que ela não culpasse ninguém conhecido, pelo seu sofrimento.

O assassinato de Vanju se deu quando Severino ainda era um homem jovem, tinha apenas 41 anos de idade, ou seja, já tinha ideia da ação que ele estava praticando, tanto que, o crime premeditado de Vanju não foi questionado por Lourença em nenhum momento e tão pouco censurado.

E a saga de submissão da mulher do barqueiro não acaba na morte da prostituta. Antes do fato, Vanju engravidou de Severino, mas ao contrário do que se esperava de uma mãe, ela não cuidava da criança, essa incumbência ficou com Lourença, que nunca disse uma só palavra, “calada estava, calada continuou”. (MONTELLO, 1981, p. 61). O silêncio de Lourença é a maior marca que ela deixa para os leitores de Josué Montello. É esse o silêncio que muitas mulheres vivem até os dias de hoje e poucas ousam quebrar. No caso de Lourença, ele foi quebrado muito tempo depois de sofrer bastante, todavia, ela só conversou consigo mesma dizendo:

— Estou velha, cansada, Deus fazia uma caridade me levando daqui [...] Nunca sofri como hoje. Nem mesmo quando morei com a Vanju e fiquei sozinha no meu canto esperando morrer. Não morri, aguentei a humilhação calada, não podia falar com ninguém. [...] Cheguei a andar pela praia, uma tarde inteira, com vontade de matar. Na hora da morte, tive medo, acabei voltando para o meu canto, no fundo da casa, sabendo que eu tinha de sofrer minha pena até o fim. (MONTELLO, 1981, p. 174).

Uma vez suprimida a voz da mulher, subtende-se que aquele que o fazia era Severino, quer seja pela sua frieza para com o gênero feminino, quer seja, pelo temor de ser agredida ou mesmo assassinada pelo mesmo barqueiro. Um reflexo da sina de algumas mulheres que vivem essa mesma situação nos dias de hoje. Se fizer uma comparação entre Lourença e as mulheres atuais, é a mesma coisa de se comparar a personagem de Montello com as esposas de presidiários, que tem sua liberdade comprometida, mesmo tendo seus companheiros presos. Vivem presas dentro de suas próprias casas, privadas de fazer o que querem de suas vidas.

Durante a narrativa observa-se que mesmo tendo sido miseravelmente maltratada por seu marido, Lourença logo após a morte de Vanju, criou a filha da prostituta, que chama-se Mercedes e posteriormente criou Pedro, filho de Mercedes que acabou falecendo logo no nascimento do menino. O que fica claro nessa história de submissão é que para Lourença, ela deveria ser piamente obediente ao marido não importava o que acontecesse, o que na verdade era a continuação de uma obediência que outrora pertenceu ao pai, como explica Saffioti (1976, p. 168): “Educadas em ambiente rigorosamente patriarcal, essas meninas-mães escaparam ao domínio do pai para, com o casamento, caírem na esfera de domínio”. Sendo assim, o destino da mulher de Severino era ser submissa ao homem que agora lhe dava casa e comida.

Lourença foi preterida pelo barqueiro, mas nem por isso deixou-se dominar pelo rancor ou pelo ódio que geralmente invade o coração daqueles que são desprezados. A mulher simplesmente agiu como se fosse mãe de Mercedes e avó de Pedro e para com esse ela dedicou todo o seu mais tenro sentimento e “desde que morrera a Mercedes, a Lourença

passara a dormir no quarto pegado à alcova, em companhia do menino. De sua rede, durante a noite, [...] ela se habituara a fiscalizar o sono de Pedro” MONTELLO, (1981, p. 80). Isso, talvez fosse para ela uma forma de se tornar mãe dos filhos do seu marido, tendo em vista que ela não conseguiu dar um só rebento para seu marido Severino.

É possível observar que tudo isso agradava a mulher, pois o neto de Severino era o varão aguardado por ele e parecia perfeito para ela que fazia o papel de mãe do menino como uma verdadeira família. Crer-se que no fundo ela buscava exatamente isso, como se atesta na frase do narrador, que ela, Lourença “estendia o olhar para a rede de Mestre Severino, reconhecia que tudo estava em ordem, dava graças a Deus, e tornava a deitar-se” (MONTELLO, 1981, p. 80). Ela na verdade se acostumou tanto a ser tratada com frieza que sequer se importava com o que havia vivido para chegar até aquele momento. Crer-se que ela realmente o amava de corpo e alma, um amor extremamente cego, tanto que ela jamais condenou Mestre Severino pelo assassinato de Vanju e chegava até a defendê-lo como se atesta na resposta que ela deu a Pedro quando falava sobre a morte da avó Vanju:

— Não se sabe direito. Eu mesma nunca procurei saber. A verdade é que teu avô gostava muito dela. [...] Tudo quanto era vontade dela teu avô fazia. De repente, um belo dia, ele perdeu a cabeça, e matou ela. Mas isso é história antiga, que a gente não deve desenterrar. O que passou. Uma coisa eu te garanto: teu avô é um homem como não há outro. Melhor do que ele nunca vi. O que aconteceu com ele pode acontecer com qualquer pessoa. Cada um de nós tem seu destino. (MONTELLO, 1981, p. 105-106).

O fato de tentar ocultar a história para o neto de Severino e, também, de afirmar que o barqueiro é uma excelente pessoa, que em outro lugar não há, mostra o quanto à mulher era submissa a ele e deixa claro que o amor de Lourença era infinito capaz de suportar tudo. Ela era incapaz de dizer um só vocábulo que viesse ferir a honra do homem, mesmo que fosse a verdade.

Essa submissão toda tem uma explicação, a primeira é a de que Lourença fora criada na obediência ao homem, o que é o reflexo da época em que ela vivia, pois naquele período mulher não tinha voz e nem vez. Contrariar o marido não era o comportamento de uma esposa, mesmo que o marido fosse adúltero, ela, por ser mulher deveria prestar-lhe respeito e obediência. Essa era a sociedade da época:

O adultério masculino socialmente é compreensível pela natureza polígama do homem; o adultério feminino, entretanto, é punido com severidade, tanto pela desaprovação e discriminação social, como pelo castigo físico, ou mesmo assassinato. Freyre relata casos no Brasil colonial onde as mulheres foram punidas com a morte; no Brasil atual, um crime passional dessa ordem ainda recebe explicações de um marido que lava a sua honra, e pode ganhar a absolvição, perante o julgamento oficial. Do mesmo modo, a mulher separada (ou descasada) é frequentemente estigmatizada. (D’AVILA NETO, 1994, p. 51).

O autor resumiu a situação de Lourença com Mestre Severino, à sociedade patriarcal era extremamente severa com as mulheres e por isso elas deveriam ser submissas ao sexo masculino.

Ainda hoje no Brasil, no século XXI existem muitos mestres Severinos, que são verdadeiros carrascos com suas companheiras, existem muitas Lourenças que possuem suas vozes suprimidas, suas vontades ceifadas pela arrogância ou violência dos seus maridos. A história do triângulo amoroso não fica apenas na ficção, mesmo que as leis tenham mudado e as mulheres adquirindo algumas conquistas, as mulheres ainda possuem uma mentalidade de que devem ser servas de seus companheiros para não caírem na “boca do povo”. Enfim, a falange de Lourença vive hoje em cada lar onde uma mulher se submete as mesmas circunstâncias que a personagem de Montello para com o barqueiro.

5.3 Vanju: Amante e Propriedade

Na maioria das obras literária a mulher é sempre apresentada como sexo frágil e essa reflexão sobre esses fatos permite reconhecer a importância de mostrar o verdadeiro poderio que Vanju se sujeitou para assim, ter uma vida que para a mesma, seria de estabilidade, além do conforto. Sabe-se que Mestre Severino não teve filhos com Lourença e assim encontrou em Vanju a esperança para então conseguir ter o seu sonhado filho. Por isso, quando conheceu a Vanju, logo, se apaixonou. Ficou fascinado com sua beleza decidiu se casar com a mesma, então a levou para sua casa no interior.

Severino queria realizar o seu sonho, e, por assim dizer, veio lembranças do seu antepassado, de homens fortes e corajosos que enfrentaram o mar e querendo passar esta herança masculina a sua geração futura. Conforme nos ressalta Montello: “Se pudesse retroceder no tempo, sabia que ia encontrar outros barqueiros como o pai, como o avô, como o bisavô, fiéis ao mar até a morte, numa interminável genealogia de nautas invencíveis”. (MONTELLO, 1981, p. 58).

Percebe-se que havia uma grande valorização da tradição familiar por Mestre Severino, em função disso, o mesmo esperava ter um filho para que pudesse não só vir assumir, mas, também prosseguir com aquela atividade de barqueiro para gerações futuras. Dessa forma, poder ver a continuidade da sua profissão, através de um filho que viesse ser um grande e forte líder em auto mar. Por essa expectativa que Mestre Severino tinha em passar seu barco ‘Bonança’ a um filho que há tantos anos esperava, viu-se em uma grande alegria ao perceber que Vanju estava sentindo os primeiros sintomas de gravidez, e nesse momento ele se sentiu na certeza de que teria um menino. Por conta disso Mestre Severino começou exagerar nos cuidados com Vanju, enchendo-a de mimos e permitindo com que ela viesse fazer coisas que antes ele não a permitia fazer, como ficar olhando pela janela da sala.

Mestre Severino exercia um patriarcalismo rude, sobre Lourença e Vanju, de modo que não aceitava ser contrariado, se tratado de Vanju tinha ciúmes devido à beleza que a mesma possuía. Conforme enfatiza Montello ao expressar o quanto Severino ficou desorientado quando foi anunciado que o filho de Vanju era uma menina. Conforme perceber-se na citação a seguir:

Daí também a razão por que ele nunca pôde esquecer o desapontamento com que ouviu a Comadre Noca anunciar-lhe o nascimento de Mercedes, com a menina nos braços.

— Mulher? – interrogou atônito.

— Mulher – confirmou a parteira.

— Não, não é possível! (MONTELLO, 1981, p. 59).

Vale mencionar que Mestre Severino esperava um filho homem, para então continuar sua descendência de homem do mar. De acordo com Montello o mesmo não quis aceitar tal destino. De acordo com a citação abaixo:

E ele próprio, a segurar um coto de vela, pôs-se a mirar e a remirar o sexo da criança, debruçado sobre o berço de vime que havia trazido de São Luís especialmente para o filho. Depois, com um sopro aborrecido, apagou a chama, deu as costas ao berço, passou pela Vanju, agora adormecida na cama de casal, desviou o olhar para não ver a Lourença parada no meio do quarto, e saiu para a rua, buscando o ermo da noite. (MONTELLO, 1981, p. 59).

O comportamento de Mestre Severino mostra o seu descontentamento e uma demonstração de que a força do seu domínio vem de uma satisfação em gerar um filho que seja macho.

Conforme a definição do sistema patriarcal, segundo Saffioti é: “[...] conjunto de relações sociais que tem uma base material e no qual há relações hierárquicas entre homens, e sociedade entre eles, que os habilitam a controlar as mulheres”. (HARTMANN *apud* SAFFIOTI, 1976, p. 232).

Sistema que predomina sobre forma rude para com a mulher, assim determinar, controlar tais atitudes influenciando de forma direta e transformar de modo decisivo. Faz-se necessário enfatizar que, ainda assim o patriarcalismo, sendo algo do campo ideológico ele se faz presente na maior parte nas relações sociais entre homens e mulheres, de maneira que vem mantendo a forma de poder e as desigualdades que já existem entre as raças, etnias e gêneros.

Uma das formas do patriarcalismo, é a violência, que pode ser entendida como os atos que demonstram-se pela ameaça ou força, praticados contra as mulheres sendo em qualquer ambiente ou local: casa, praça, zona rural, e urbana, instituições públicas ou privada. Portanto, as formas de agressões vão além da física, incluem também outras como agressões sexuais, morais, psicológicas e patrimoniais, nas quais podendo coagir e ferir a integridade da mulher, implicando em violação dos direitos humanos. Conforme relata Minayo na citação abaixo:

Os homens agressores reconhecem algumas vezes que cometem ‘excessos’ ao maltratar, bater e ameaçar as mulheres, mas não a função disciplinar de poder que têm e exercem. Eles, em geral (e isso é bastante comum em nossa sociedade) se colocam no lugar de quem sabe, de quem é o dono da moral e dos bons costumes, de quem pode e deve disciplinar a mulher (a mãe e as filhas). Eles as vigiam o tempo todo e consideram que as atitudes e ações delas estão sempre longe do ideal do qual se julgam guardiões. Costumam dizer, quando acham que alguma coisa está errada, que “avisam”, “conversam” e depois, se não obedecidos, “batem”. É nesse ambiente que ocorrem os chamados “crimes de honra” que vitimam mais de 1000 mulheres por ano no Brasil. (MINAYO, 2013, p. 1).

Um caso de violência que ficou muito famoso foi o caso de Maria da Penha, que conseguiu fazer com que seu ex- marido pagasse pela tentativa de assassinato que ela havia sofrido. Maria da Penha sofreu muito e quase foi morta por um tiro. Após anos e anos de luta, ela conseguiu que uma Lei fosse aprovada e essa mesma lei foi batizada com seu nome.

Em 2006, foi aprovada a Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha que tem por objetivo proteger as mulheres que são agredidas por pessoas com quem possuem uma relação afetiva, seja, marido, companheiro (a), pais, namorado (a) ou irmã (o) e cria mecanismos para coibir esse tipo de violência. (MACEDO, 2014, p. 93).

Porém, ao contrário de Maria da Penha, que sofria muito na sua vida conjugal, de acordo com Mestre Severino, “a Vanju, a bem dizer, não tinha com que se preocupar: vivia como uma rainha, servida a tempo e a hora [...]”. (MONTELLO, 1981, p.111). E, na verdade, esse foi o grande problema, pois serviu como argumento para que o barqueiro não tivesse nenhum tipo de consideração pela vida dela. O pacto de fidelidade foi apenas uma garantia de que aquilo que ele estava fazendo era “certo” e, assim não sentiria remorso algum.

Vale ressaltar que Maria da Penha e suas filhas, eram sujeitadas a vários tipos de violência. De acordo com seus próprios relatos em sua obra *Sobrevivi... Posso contar*. A sua vida era comparada a uma guerra, a cada dia que passava a convivência tornava-se muito difícil, tanto que ela sugeria a Marco que mudasse a sua forma de vida, pois estava impossível manter o relacionamento naquelas condições. Mesmo assim, ele não procurava mudar de comportamento, ela imaginava que ele esperava ela decidir pela separação, para então poder agir de forma mais agressiva e assim pudesse tirar sua vida, e vindo justificar que teria matado por amor. Conforme nos atesta a própria autora. “Se eu tivesse morrido, quem sabe, até minha própria honra estaria sendo maculada, já que são esses os mecanismos peculiares dos assassinos de mulheres, dos covardes que se autodenominam desonrados, mas são cruéis agressores, criminosos”. (FERNANDES, 2012, p.31).

A vítima relata que as agressões e ameaças foram constantes, enquanto a mesma permaneceu casada com seu marido. Por temor ao então marido a mesma ficava calada e não se atrevia a pedir a separação por medo que a situação agravasse mais. E foi justamente o que aconteceu em 1983, quando Penha sofreu uma tentativa de homicídio por parte de seu marido, que atirou em suas costas, deixando-a paraplégica.

O patriarcalismo que era exercido por parte do seu marido era um verdadeiro caso de autoritarismo, no qual nem mesmo suas filhas ficaram de fora. O mesmo dava ordem que jamais poderia deixar de ser exercidas. Ao deixar sua esposa em uma cadeira de rodas o

marido usa toda forma de violência contra a mesma. Conforme ressalta Foucault (1984, p. 148), é notório o que se elucida na citação abaixo:

Portanto, reciprocidade, porém, dissimetria essencial, pois os dois comportamentos, mesmo supondo um ao outro, não se baseiam nas mesmas exigências, nem obedecem aos mesmos princípios. A temperança do marido diz respeito a uma arte de governar, de se governar uma esposa que é preciso conduzir e respeitar ao mesmo tempo, pois ela é, diante do marido, a dona da obediência da casa.

Assim, essas formas de pensamentos influenciavam ainda mais a discriminação sobre a mulher, fazendo com que sua importância para sociedade era apenas de obedecer ao marido e conduzir os afazeres domésticos, sobretudo ficava de fora da vida social, religiosa ou função política. Vale ressaltar que, a mulher foi também vítima de violência, uma forma de patriarcalismo que é exercido por parte do homem.

Reportando-se a essa questão de violência, vale mencionar o que o autor de *Cais da Sagração*, enfatiza em sua obra, os relatos de uma mulher que assim, como Maria da Penha é agredida pelo seu companheiro, mas que a mesma morre afogada.

De acordo com o explicitado pelo autor, a morte de uma mulher causa espanto no leitor. Trata-se um assassinato. O que pode observar-se na citação abaixo é a descrição da morte como representada por um homem com seus conceitos do patriarcalismo existente na época. Sendo assim, confronta com fatos que marca toda uma trajetória.

E Mestre Severino, levantando-se:
— Infelizmente, Padre Dourado, o que a Lourença lhe disse é verdade. A minha Vanju não é mais deste mundo. Está com Deus, Padre, eu que matei ela.
Suspira, enche o peito, o semblante devastado, enquanto o padre, dando com a multidão na calçada da rua, trata de fechar a janela, a apertar o queixo com a mão esquerda, sério, uma das sobranceiras levantada, nos olhos miúdos um brilho nítido de indignação e piedade. (MONTELLO, 1981, p.107).

A descrição do assassinato que é apresentada na obra remete a violência e problemática que é o ponto principal do enfoque, acerca do homem patriarcal. Que honra seu nome matando uma mulher e fazendo com que a outra seja, sujeitada aos seus autoritarismos.

Montello diz que, após o assassinato frio e calculista e com requintes de crueldade, Mestre Severino, ainda demonstra afeto por Vanju e sonha em reencontrá-la no céu junto com Lourença, o que demonstra a visão de uma mente doentia do mesmo. Mestre Severino é preso mesmo sobre chances de conseguir a absolvição pelo assassinato de Vanju, continuou com sua visão patriarcal, pois, o mesmo apregoava que matar pela honra era um motivo mais que justificável. (MONTELLO, 1981).

Padre Dourado, sendo amigo de Mestre Severino, que o conhecia desde longos anos, se sentiu tão surpreso com a prática homicida dele, que a sua indignação foi grande, por

o amigo não ter confiado nele, e o ter procurado para relatar o que estava se passando na sua vida, antes de cometer este crime, que segundo o padre poderia ter lhe dado conselhos, que pudesse ter evitado o acontecido. De acordo com a citação: (MONTELLO, 1981, p. 108): “Mestre Severino, por cima do ruído da carroça: - Sei que fiz a minha desgraça, Padre Dourado, mas não vi outra saída. Se eu não matasse a Vanju agora, ela tornava a ser o que era antes. Tive de cortar o mal pela raiz”.

Ainda que, Mestre Severino percebendo que seu ato foi uma atrocidade em situação de desespero, demonstra não ter se arrependido, por causa desse sentimento de patriarcalismo, onde a honra do homem que tem que prevalecer, nem que se for o caso da violência física extrema – como foi nesse caso.

Por isso, então ele acreditava que essa desgraça não seria maior do que a outra, por isso não se arrependeu do que tinha feito. Mestre Severino relata que pensou muito antes de tomar a decisão de tirar a vida da sua esposa, pois mesmo, amando a muito e não tinha vontade de ter outra mulher, mas pensava que a única saída era agir com essa violência extrema. Conforme a citação abaixo:

Até que me convenci de que, se eu não cortasse aquilo a tempo, acabava com chifres na cabeça, como o pobre do Norato, que o senhor conhece e de que todo mundo se ri. E hoje mesmo, não faz uma hora, matei a minha Vanju. Antes ver ela morta, como eu vi, do que saber que o Dr. Genésio se deitou com ela. (MONTELLO, 1981, p.114-5).

Muitos casos de violência contra mulher acontecem no ambiente familiar, particularmente por parte do marido que sente ciúmes de sua companheira, age de forma compulsiva, sem um devido controle emocional.

Notando-se na mulher uma delicadeza física, seus companheiros partem para impor uma força de opressão, que muitos casos chegam a uma gravidade extrema. (MONTELLO, 1981, p.115): “... Matei, tenho de pagar meu crime. Não matei de veneta, numa hora de loucura. Pensei muito, antes de me decidir, sou o primeiro a reconhecer, e não escondo de ninguém. Não me arrendo do que fiz: a Vanju morreu, antes de voltar a se perder, eis tudo”.

Assim, como Mestre Severino com sua forma de expressar que não matou Vanju de forma repentina. Conforme retrata Montello. Já no caso de Maria da Penha encontra-se em Marco marido de Maria da Penha que, também mostra claramente que o marido arquitetou um plano no qual queria que a esposa deixasse-lhe um seguro de vida. Conforme atesta Fernandes em:

“... Quando eu já estava de saída para o trabalho, Marco chamou-me e, inesperadamente, pediu-me que assinasse um seguro de vida, beneficiando-o. Lembro-me que era um seguro oferecido em propaganda veiculada através de uma revista semanal.” (FERNANDES, 2012, p. 34).

Dessa forma, afirma-se que a violência em forma de patriarcalismo é, inegavelmente, marcada no romance de Josué Montello em *Cais da Sagração*, é também retratada em relatos da própria vítima em: *Sobrevivi... Posso Contar*, livro de autoria de Maria da Penha com todos seus relatos verídicos e, assim demonstra o quão frágil são as personagens que lutam para garantir a sobrevivência pela vida.

5.4 Pedro: Vocação e sexualidade

Pedro é apresentado na obra *Cais da Sagração* como filho de Mercedes e um pescador, todavia é o único neto que Mestre Severino irá possuir e, portanto continuar sua descendência de homem e barqueiro do mar. Pode-se constatar na personagem em destaque que o mesmo tinha sua vocação, o autor enfatiza que o mesmo queria ser um padre, mas isso fica explicitado que o avô não concorda, pois para o mesmo o neto tinha que ser homem de verdade. Onde fica denotado o patriarcalismo em excesso por parte de Mestre Severino. Montello ressalta que o avô ficava observando o neto de tal forma, conforme na citação abaixo:

Era uma borboleta, uma boneca a velha mania da boneca (a velha mania da boneca, que me fez perder a cabeça), uma casa, um passarinho, um São Luís Gonzaga, uma porta de igreja, uma escada, tudo muito parecido. Antigamente passava o dia inteiro desenhando e com a Lourença perto dele se babando. Agora, está melhor. Ainda desenha com o lápis preto, mas é só uma vez ou outra. (MONTELLO, 1981, p. 90).

Pode-se perceber que havia características de sensibilidade no menino Pedro, o que não era aceito como forma padrão de um homem, visto pelo avô que queria que o mesmo fosse um barqueiro o que era passado de geração por sua família. Mestre Severino jamais aceitaria que Pedro tenha características de uma menina.

Conforme elucida Foucault, vive-se em um século no qual as práticas da sexualidade vêm se tornando homogênea. O que antes era de maneira circunstancial. Agora, nessa época, as manifestações dos praticantes tem sido constante. “foram, antes demais nada a idade de multiplicação: uma dispersão de sexualidades, um esforço de suas formas absurdas uma implantação múltipla das “perversões”. Nossa época foi iniciadora de heterogeneidades sexuais”. (FOUCAULT, 1985, p. 38).

É notório o que nos elucida o autor de *Cais da Sagração*, quando nos é denotado a posição de Mestre Severino para com a ideia que seu neto se interessava por coisas, que eram próprias de meninas. Conforme enfatiza o autor na citação abaixo:

Desde cedo, com efeito, o neto se mostrara esquivo a qualquer companhia, principalmente à dos garotos de sua idade. Preferia brincar só, metido consigo, num canto de casa, a correr na rua, com os outros meninos dos arredores, no jogo da cabra-cega ou do chicote-queimado. Antes dos oito anos, já havia chegado ao fim do primeiro livro de leitura, e ainda tinha uma bonita letra, que a professora da escola pública não se cansava de elogiar. Mas foi por esse tempo, nas férias do fim do ano, que o avô teve de crescer para ele, com o cinto de couro na mão exaltada, quando o descobriu no quarto ao fundo da casa a recortar num trapo velho o vestido de uma boneca. (MONTELLO, 1981, p.74).

Montello faz uma alusão acerca da sexualidade de Pedro. Coloca em evidência sobre essa temática polêmica a questão de sexualidade e, efetivamente enfatiza o que vem sendo estudada por alguns historiadores.

De acordo com Okita (1980), o antropólogo que mais destacava em pesquisas relacionadas a homossexualismo, era o belga Levi Straus, na qual afirmava nas suas pesquisas que havia tratamento diferenciado e também variável ao homossexualismo e que nas sociedades tradicionais existiam vários acontecimentos que comprovavam os comportamentos de jovens que se relacionavam como algo comum que até manifestavam-se em locais públicos.

A sexualidade manifesta-se de várias formas, desde a Grécia antiga, havia práticas sexuais, que eram consideradas fora dos padrões estabelecidos principalmente pela Igreja, que se preocupava com o casamento entre homem e mulher, e que defendia a responsabilidade da família ao homem, atribuindo a ele certa autonomia de poder.

Mestre Severino ver em Pedro uma forma de continuar sua descendência, com o qual sonhava ver os filhos de Pedro, na profissão que seria passado de geração para geração. Vale ressaltar que Severino tinha grande convicção do que era ser um homem patriarcal e, como tal, jamais aceitaria um neto que não estivesse nos padrões para os seus valores culturais.

Conforme ressalta Oliveira, quando enfatiza que era retratado o homossexualismo no período colonial. No Brasil colonial, os casos de homossexualismo eram noticiados em diversas formas, como é o caso de Os cadernos de Nefando, que faziam vários registros a respeito de certas práticas sexuais que prejudicavam o matrimônio e também interrompia no meio de procriação. (OLIVEIRA, 2008).

No Brasil sempre houve imposições da Igreja em relação a costumes e comportamentos como: os costumes dos nativos condenava a homossexualidade, o casamento dos padres, a contracepção e o prazer sexual.

Faz-se necessário enfatizar a reação de Mestre Severino quando chega ao extremo de violência mostrando seu patriarcalismo em excesso. Conforme ressalta Montello, a seguir:

— Isso é ofício de mulher! Você é homem! Homem assim como eu! – gritou Mestre Severino.

E levado pela fúria, que repentinamente o cegara, brandiu o cinto às tontas, lapte, lapte, até que o sangue saltou da cabeça do menino, ferido em cheio pelo metal da fivela.

— Tens de ser macho, ouviste? Macho! Macho mesmo!

— repetia o velho, ainda irado, a mão suspensa, pronto para uma nova lapada doída, enquanto a Lourença, trêmula, recolhia o Pedro na dobra da saia, invocando Santa Bárbara e São Jerônimo. (MONTELO, 1981, p. 74).

Como é visto no trecho acima, Pedro é vítima dos excessos de um homem patriarca. Ao se discutir a construção da masculinidade heterossexual, o que representa como um valor positivo, e, ao mesmo tempo, certo prestígio em um grupo social. É bom frisar que está alinhada a construção das identidades, que são as formas de condutas de cada integrantes de um determinado grupo social. “pois pertencer a tal grupo instila em seus membros um intenso sentimento de valor humano em relação aos que estão fora dele” (ELIAS: SCOTSON, 2000, p. 41).

Dessa forma, pode-se entender que na realidade é pela identidade moldada nos grupos sociais através de processos que ocorre a legitimação do poder do homem como forma positiva a ser seguida por todos aqueles, que estão vinculados a esse sistema patriarcal. De certa forma quando ocorrem desvios de comportamento desse padrão, o homem no qual o centro desse prestígio que garante poder e autoestima, fica em meio da situação sentido se uma alta tensão que pode lhe levar ao descontrole e uma atitude extrema.

E para elucidar melhor a questão da vocação de Pedro em querer ser padre, vale ressaltar as palavras de Padre Dourado, quando o mesmo vem de encontro a Mestre Severino para então falar que Pedro tinha vocação para ser padre. De acordo com o autor na citação abaixo:

— O senhor não tem notado nada no seu neto, de uns tempos para cá? Pois aí está a prova do que acabo de dizer. O senhor não viu nada, mas eu vi, e é disso que lhe venho falar. Orgulhe-se do Pedro, Mestre Severino. Ponha as mãos para o Céu e ajoelhe-se. Dê graças ao bom Deus, sempre cheio de misericórdia para os nossos pecados. Bata no peito, meu caro amigo, e curvado para o chão.
Mestre Severino havia tirado o cigarro da boca, continuando a olhar o padre de so-brancelhas travadas, sempre mais intrigado.
— Seu neto é um menino de ouro. Como poucos. E escolhido por Deus para a mais bela missão na terra. Sim senhor. É o que estou lhe dizendo. O Pedro – rematou o padre, numa voz mais cheia, tentando erguer bem a cabeça – é um eleito do Senhor, Mestre Severino. (MONTELLO, 1981, p. 76).

Vale mencionar que essa notícia não agradou Mestre Severino o mesmo sentiu-se humilhado, pois ele não via um herdeiro seu vestir saia, como ele se referiu ao vestuário dos padres. Conforme a citação abaixo:

Muito pálido, um leve tremor nos lábios, Mestre Severino sentia agora um nó na garganta, contraía os maxilares, desfigurado. E assim que pôde falar, subitamente vermelho:
— Padre Dourado, eu só não corro o senhor pela porta a fora porque sei que não lhe passou pela cabeça a ideia de me ofender. Além disso, devo-lhe muitos favores. Muitos. Sou o primeiro a reconhecer. Mas tome nota do que vou lhe dizer: nunca mais me fale em semelhante assunto. Nunca mais.
Veja bem: nunca mais. Meu neto, enquanto eu for vivo, não veste saia diante de mim, mesmo essa que o senhor tem no corpo. Prefiro ver o Pedro morto. (MONTELLO, 1981, p.77 e 78).

Severino deixa explícito para padre Dourado que seu neto nunca seria um padre, chega a enfatizar que ver o neto morto pra ele seria melhor. Isso são propriamente características de um homem patriarcal, que jamais aceita ser contrariado. Mestre Severino chega a ofender o padre, mas tudo tem que ser do seu jeito e era para ele uma forma de garantir sua descendência de homem do mar.

Para que seja garantida a perpetuação da conduta do homem, tida como o padrão, é conferido certa autonomia aos demais integrantes como o dever de vigiar um ao outro como se fosse uma distribuição do poder, mas, é a forma de manter o sistema patriarcal, assim refletindo em um rigoroso controle sob cada um do grupo. Na sociedade patriarcal, o homem dotado de superioridade e dominância, era exigência em perpetuar os seus valores de certo modo que eles não deveriam ter nada associado ao estilo feminino. Conforme destaca Oliveira na citação abaixo:

A masculinidade enquanto símbolo hegemonicamente valorizado provê satisfação existencial àqueles que creem dela participar, através de condutas e práticas identificadas socialmente como masculinas, mesmo que para isto tenham que suportar duras provas e perigosas experiências, que constituem aquilo que chamo de vivências interacionais das masculinidades. (OLIVEIRA, 2004, p. 248).

A cultura heterocentrista exhibe o homem como ele sendo um macho viril, ou seja, um modelo de comportamento, aquele que demonstra em seu cotidiano certa competitividade e, até mesmo, agressividade, na qual caracteriza um exercício da masculinidade. Assim, desse modo a masculinidade representa como uma base orientadora, a qual deve ser seguida pelos demais setores de relações sociais com o significado de grande valor e de construções de identidades.

Porém, o binarismo das relações sociais são representado na sociedade da seguinte maneira: o forte e o fraco, o dominante e o dominado. Assim, fazendo com que a masculinidade seja considerada a forma de apresentação mais importante. “Segundo os teóricos e teóricas, é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão”. (LOURO, 2004, p. 45).

Enquanto aos homens, principalmente aqueles que defendem as ideias de masculinidade de grupo, de certa forma escondem as suas fraquezas e a falta de segurança que eles têm individualmente. “A virilidade como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante de outros homens, para outros homens e contra a feminilidade por uma espécie de medo do feminismo”. (BOURDIEU, 2005, p.67).

Afirma-se que a sexualidade de Pedro não é explícita pelo autor da obra *Cais da Sagração*, mas apenas é apresentadas características de sensibilidade, considerada não adequada a um menino e tão pouca a de um rapaz, mas o que incomodava muito Mestre Severino, era de ver o seu neto fugir daquilo que ele queria pra ele, exatamente de ser um barqueiro, e assim continuar com a tradição da família, e para então transferir não somente a responsabilidade, como também a autoridade de homem para homem, o que fica denotado o verdadeiro homem patriarcal que era Mestre Severino.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o homem patriarcal a sua honra e sua integridade moral estão estabelecidos nas relações hierárquicas, entre os homens na sociedade, pois, isso que os habilitam a controlarem as mulheres, para tanto a importância das lutas e manifestações encadeadas por elas para assim, enfrentarem os desafios e restrições impostas pela sociedade estruturada pelo domínio do homem.

Percebe-se que o patriarcalismo tem demonstrado sua grande força no campo ideológico fazendo com que as pessoas envolvidas acreditem ser esse o padrão de comportamento a ser obedecido, e, até mesmo, se consideram felizes em participarem desse modelo onde a figura do homem representa um domínio superior, haja vista que, o importante é a satisfação pessoal dele.

A mulher, especialmente, brasileira tem sido uma grande guerreira, por muitos anos de lutas vem conquistando seu espaço na sociedade, derrubando as barreiras impostas pelo patriarcalismo. Contudo conquistaram direitos que antes só o homem detinha, como por exemplo, de participar das decisões políticas por meio do voto, e disputar cargos políticos, também, muitas tem se destacado no meio cultural, profissional e intelectual.

O patriarcalismo, por ser um modelo familiar, tem fortes influências e consequências por vezes, até extremas. Portanto, é preciso mudar a concepção que esse estilo dominador continue, ainda, sendo visto como uma forma padrão nas relações sociais. Através da disseminação do conhecimento que descreva as causas e as consequências do patriarcalismo, para que venha conscientizar de modo geral a sociedade, que tal comportamento tem suas fases de evolução, que não é benéfico para ambos os sexos, nem para o homem, tão pouco para a mulher.

Em vista de muitos relatos de violência do homem contra a mulher, o presente estudo apontou uma forte presença do patriarcalismo na obra *Cais da Sagração* de Josué Montello, e quando as pessoas da família não se submetem ao domínio do homem patriarca, situação que em determinado momento pode ocorrer a perda do controle sobre a pessoa dominada, podendo provocar práticas extremas pelo homem como a tortura ou o homicídio, por causa do descontrole emocional, ocasionado pela ameaça da perda de sua honra ou autoridade. A obra *Cais da Sagração* nos remete a história do patriarcalismo vivido pelas personagens em destaque Lourença e Vanju. Onde é relatado o quão cruel foi Mestre Severino com ambas as personagens, porém Vanju sofreu mais que Lourença, pois a mesma pagou com a vida os excessos de ciúmes de um homem patriarcal.

Observa-se que há necessidade de mudanças comportamentais na sociedade atual, o mesmo que foi percebido na obra estudada, também se presencia hoje, porém, embora a legislação brasileira tenha dado uma atenção maior em combater a violência contra a mulher, que é considerado uma forma de patriarcalismo, ainda a muito o se fazer no que diz respeito à defesa da mulher.

Portanto, para evitar e coibir as consequências do patriarcalismo é preciso agir na criação de leis mais severas, que não somente se baseiem em punir, mas, principalmente em criar uma base capaz de educar a população com informações de qualidade de modo que esse comportamento seja extinto da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias**. - Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- BRASIL. Ministério da Saúde, Instituto Sírio-libanês de Ensino e Pesquisa. **Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres**. – Brasília: Ministério da Saúde. 2016.
- BRASIL. Portal Brasil. **Conheça a trajetória da presidente Dilma Rousseff**. 01 de janeiro de 2015. Disponível em: < www.brasil.gov.br/governo/2015/01/conheca-a-trajetoria-da-presidencia-dilma-rousseff. > acesso em: 21 de maio 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da Honra: Moralidade, modernidade e Nação do Rio de Janeiro** 2000.
- CUNHA, Barbara Madruga. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado: perspectivas de combate á violência de gênero**. 2014. Disponível em: <<http://www.direito.ufpr.ler/portal/wp.../artigo.Barbara-Cunha.classificado-em-7o-lugar.pdf>. > acesso: 28 de abril de 2017.
- D'AVILA NETO, Maria Inácia. **O autoritarismo e a mulher: o jogo da dominação macho-fêmea no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Artes e contos, 1994.
- DEL PRIORE, Mary. **Mulher no Brasil colonial**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.
- ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FERNANDES, Claudio. **Família Patriarcal no Brasil**. 2015. Disponível em: < brasilecola.uol.com.ler/historiab/familia-patriarcal.no.brasil,htm.> acesso: 24 de abril de 2017.
- FERNANDES, Maria da Penha Maia. **Sobrevivi... posso contar**. – 2.ed. – Fortaleza: Armazém da cultura, 2012.
- FIGUEIREDO, Raimunda de Fátima. P. **A desmistificação da mulher na obra Cais da Sagração de Josué Montello sob a ótica do existencialismo Sartreano, em especial, as personagens Vanju e Lourença**. 2005.42f. Monografia (Licenciatura em Letras)- Universidade Federal do Maranhão, São Luís. 2005. 42f.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- _____. **História da Sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Geral, 1985.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. - 15°. ed. rev.- São Paulo: Global, 2004.

_____. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal: apresentação de Fernando Henrique Cardoso. – 48° ed. rev. – São Paulo: Global, 2003.

_____. **Casa Grande & Senzala em quadrinhos**. adaptação Estevão Pinto; ilustrações de Ivan Wasth Rodrigues; colonização de Noguchi. – 2. Ed. – São Paulo: Global, 2005.

HILL, Telenia. **JOSUÉ MONTELLO**: Um trajeto luminoso. **Suplemento cultural Guerra Errante: Anuário**. São Luís. Jornal Pequeno, 2007.

ISHIKAWA, Priscila Heico. **A mulher e sua trajetória histórica**. 19 de abril 2011. Disponível em: < faculdade aruja. blogspot. Com. br/ 2011/04/ mulher e sua trajetória. html. > acesso: 30 de abril 2017.

JORGE, Fernando. **Academia do fardão e da confusão**: a Academia Brasileira de Letras e os seus “imortais” mortais. – São Paulo: Geração Editorial, 1999.

JUNIOR, Arnaldo Nogueira. **Cecília Meireles**. 2017. Disponível em: < [www.releituras.com/cmeireles - bio.asp](http://www.releituras.com/cmeireles-bio.asp). > acesso: 21 de maio 2017.

JUNIOR, Joaquim Martins. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso**: instruções para planejar e montar, desenvolver, concluir, redigir e apresentar trabalhos monográficos. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. – 5. ed.- 3. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2009.

_____. **Metodologia do trabalho científico**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**: permanência e revolução do feminino. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOURO, Guacira. **Um corpo estranho** – ensaios sobre sexualidade e teoria queer. São Paulo: Autêntica, 2004.

MACEDO, Maria O. B. **Mulheres brasileiras - Do 1º voto às conquistas atuais**. Fortaleza: expressão Gráfica e Editora, 2014.

MARANHÃO, Secretária de Estado da Cultura. Casa de Cultura Josué Montello. **Leituras críticas de romances de Josué Montello**: ensaios reunidos. - São Luís: Edições SECMA, 2009.

MARQUES, César A. **Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão**. Rio de Janeiro: Fon-Fon e Seleta, 1970.

MINAYO, M. C. de. S. **Violência contra mulher é maior que a registrada no cotidiano**. In: Revista Comunicação e Saúde Fiocruz, Rio de Janeiro. 2013.

MONTELLO, Josué. **Cais da Sagração: romance.** - 5. ed.- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

MORAES FILHO, Evaristo de. **Josué Montello, grande homem de letras.** O Imparcial, São Luís. 2006

NERES, José. **MONTELLO: O Benjamim da Academia.** - São Luís. Gráfica Carajás, 2008.

OKITA, Ciro. **Homossexualismo: da opressão a libertação.** São Paulo: Proposta, 1980.

OLIVEIRA, Maria Eveuma. ET AL. **Rachel de Queiroz: uma mulher à frente do seu tempo.** Jan/junh. 2012. Disponível em: < [www.poscrítica.uneb.br/revistaponti/arquivos/volume2 – n1/vol_2n1 – 204-216. pdf](http://www.poscrítica.uneb.br/revistaponti/arquivos/volume2_n1/vol_2n1_204-216.pdf) > acesso: 21 de maio 2017.

OLIVEIRA, Paulo Motta. **Figurações do oitocentos.** Cotia: Ateliê, 2008.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade.** Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

OLIVEIRA, Glaucia Fontes de. **Violência de gênero e a Lei Maria da Penha.** Conteúdo jurídico. Brasília-DF. 6 de outubro 2010. Disponível em: < <http://www.conteúdojurídico.com.br/?artigo&ver=2.29209> >. Acesso: 28 de abril de 2017.

SAFFIOTI, H. I. B. **A Mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** Petrópolis, Vozes, 1976.

SARNEY, José. **Sessão de saudade dedicada à memória do acadêmico Josué Montello.** Anais da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro. 2006.

SERPONE, Fernando. **Caso Lindomar Castilho.** 02/06/2011. Disponível em: <ultimosegundo.ig.com.br/brasil/ Crimes/caso-lindomar-castilho/n_1596992278497.html> acesso em: 27 de maio de 2017.

SERPONE. Fernando. **Caso Daniella Perez.** 02/06/2011. Disponível em:<ultimosegundo.ig.com.br/brasil/ Crimes/caso-daniella-perez/n_1596994089816.html> acesso em: 27 de maio de 2017.

SCHUMACHER, Maria Aparecida Schuma. **Dicionário mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado.** – 2ª ed.: - Rio de Janeiro: ZAHAR, 2000.

SILVA, De Plácido e. **Vocabulário Jurídico,** Rio de Janeiro: Ed Forense, 1998

TAJRA. C. M. Leda. **Palestra sobre o papel da mulher no mundo de hoje.** Maranhão 1990.

